

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CÂMPUS PROFESSOR FRANCISCO GONÇALVES QUILES
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FERNANDO HENRIQUE GERALDINO

O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO
MUNICÍPIO DE CACOAL/RO

CACOAL/RO

2015

FERNANDO HENRIQUE GERALDINO

**O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO
MUNICÍPIO DE CACOAL/RO**

Artigo Científico apresentado à Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof^a Ms. Simone Marçal Quintino.

Cacoal / RO
2015

Geraldino, Fernando Henrique.

G354e O ensino de empreendedorismo nas escolas públicas do município de Cacoal-RO/ Fernando Henrique Geraldino – Cacoal/RO: UNIR, 2015.
45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação).
Universidade Federal de Rondônia – Campus de Cacoal.
Orientadora: Prof. Ma. Simone Marçal Quintino.

1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Escola pública.
4. Ensino médio. 5. Metodologia de ensino. I. Quintino, Simone Marçal. II. Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
III. Título.

CDU – 658

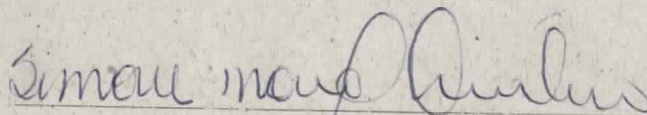
Catálogo na publicação: Leonel Gandi dos Santos – CRB11/753

ATA DE DEFESA DO ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – 24 DE JUNHO DE 2015.

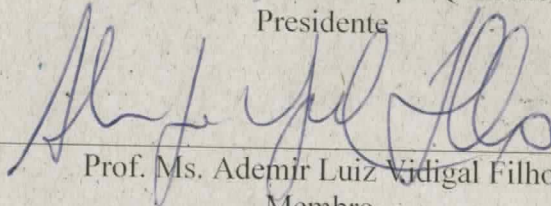
Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de junho de dois mil e quinze, reuniu-se na Sala 02 – Bloco B do Curso de Administração da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, a banca constituída pelos Professores: Prof^a. Ms. Simone Marçal Quintino (presidente), Prof. Ms. Ademir Luiz Vidigal Filho (membro), e Prof. Ms. Joareis Fernandes de Azevedo (membro), para examinar o (a) candidato (a) **FERNANDO HENRIQUE GERALDINO** na prova de defesa de seu Artigo de conclusão de curso intitulado: **O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO**. O presidente da Comissão iniciou os trabalhos às 15:35 h, solicitando ao candidato que apresentasse resumidamente os principais aspectos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o candidato sobre os diversos aspectos do Trabalho. Após a arguição, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do (a) candidato (a), obtendo a nota final 100 (cem). A ata segue assinada pelos membros da banca.

Cacoal / RO, 24 de Junho de 2015.

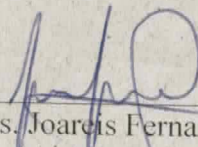
Banca Examinadora:



Prof^a. Ms. Simone Marçal Quintino
Presidente



Prof. Ms. Ademir Luiz Vidigal Filho
Membro



Prof. Ms. Joareis Fernandes de Azevedo
Membro

Dedico aos meus familiares e amigos, que foram primordiais para o alcance de tal objetivo.

Aos meus pais Lecy Aparecida Geraldino e Donizete Geraldino sempre presentes nos momentos. À Greicy Dalmagro dos Santos pelo carinho e motivação. Aos meus irmãos Felipe César Geraldino e Vinicius Ramos Geraldino pelos momentos em que precisei. Aos meus amigos Murilo Corrente, André Nímer, Danilo dos Santos, Micalíster Moreira, John Peter, Romário, Lucrécia, Ana Beatriz, Roberto, Herbert Lira, entre outros e à professora orientadora Simone Marçal Quintino pelo auxílio e dedicação ao meu trabalho.

O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO¹

Fernando Henrique Geraldino²

RESUMO: Estudo realizado com professores e alunos de duas escolas públicas do município de Cacoal/RO: Josino Brito e Instituto de Ciência, Educação e Tecnologia de Cacoal (IFRO), com o objetivo de analisar de que forma as escolas públicas de ensino médio sediadas em Cacoal incentivam seus alunos no desenvolvimento do comportamento empreendedor. Utilizou-se o método indutivo, abordagem qualitativa e estudos descritivos. As técnicas de coleta de dados foram: pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada aplicada junto aos professores das escolas responsáveis pelas atividades empreendedoras, e formulário estruturado com o uso da escala de Likert aplicado aos 105 alunos, sendo 77 pertencentes a Escola Josino Brito e os outros 28 aos alunos do IFRO. Os resultados apontam como pontos fortes os incentivos das escolas para os projetos-empreendedores, conciliação entre os aspectos teóricos e práticos, há relevância dos alunos para o empreendedorismo, já que contribui para o crescimento pessoal e profissional e demonstraram possuir características empreendedoras. Os pontos fracos evidenciados foram: alguns alunos participam das atividades empreendedoras por causa da nota e o incentivo financeiro é o grande empecilho para desenvolver um projeto empreendedor. Sugere-se que as escolas continuem desenvolvendo o ensino ao empreendedorismo e o incentivem a outras escolas, para que demonstrem aos alunos tanto aspectos teóricos quanto práticos, bem como os estimulem a elaborarem feiras de empreendedorismo, buscando ensiná-los sobre finanças, recursos humanos, *marketing*, etc. de modo que não queiram fazer a disciplina pela nota recebida, bem como levem esse conhecimento para a fase pós-escolar, de forma a conseguirem administrar um negócio próprio adequadamente.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo. Escolas Públicas. Ensino Médio. Educação Empreendedora. Metodologia de Ensino.

INTRODUÇÃO

É primoroso analisar que inúmeras organizações estão surgindo seja em países desenvolvidos seja em subdesenvolvidos. No entanto muitos jovens estão se adentrando no mundo do trabalho sem obter conhecimentos que sejam direcionados ao empreendedorismo, assim as empresas não conseguem obter resultados satisfatórios. Dessa forma, Cruz Júnior *et al.* (2006) argumentam que deve haver a criação de um novo perfil profissional, o qual é destinado a penetrar um espaço capaz de canalizar o desejo empreendedor nos brasileiros que cabe às instituições educadoras e, também, aos educadores contribuírem para uma educação empreendedora, incentivando os alunos a buscarem o espaço potencial, para que o

¹ Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Fundação Universidade Federal de Rondônia – Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração sob a orientação da Profª Simone Marçal Quintino.

² Acadêmico do 8º período do Curso de Administração. E-mail: fernandogeraldino93@hotmail.com

empreendedorismo se dissipe no país.

A partir disso, os jovens devem ser educados e preparados para conviver com o risco e aprender com ele, a pensar grande, a ter autoestima, coragem, confiança e capacidade para gerirem suas vidas, vendo na mudança a oportunidade e não a ameaça, pois abrir um pequeno negócio deveria ser um objeto de realização pessoal e não falta de opção. Com isso, o ensino do empreendedorismo é primordial para uma sociedade, uma vez que ele é um dos objetos de ensino que auxilia alunos a se tornarem bem-sucedidos ou, até mesmo, a conquistarem um empreendimento, o qual contribuirá à sociedade, tornando-a menos desigual socialmente e economicamente.

Diante desse parâmetro, a grande preocupação é que muitas escolas não lecionam o empreendedorismo, já que não possui a ementa, bem como não há professores capacitados suficientemente para fornecê-lo de forma correta aos alunos, a fim de que visualizem na disciplina aspectos como criação de um negócio próprio, entrevista com empreendedores, realização de sonhos, saber lidar com riscos, autoconfiança, autonomia, criatividade, entre outros.

Com essa preocupação, muitos jovens estão crescendo e não estão conquistando conhecimentos direcionados a práticas empreendedoras, levando-os a se tornarem, muitas das vezes, empreendedores que não conseguem aferir dados, interpretá-los ou lidar com fluxos de caixa e isso contribui para o índice de falecimento das empresas brasileiras. Dessa forma, é relevante que haja a preocupação em relação à implementação de práticas empreendedoras em todos os níveis escolares, principalmente, o médio, já que, neste, os alunos passam por inquietações que os aturdem, pois nesta fase passam por um período de transição entre a fase da adolescência e a adulta. Diante disso, *como as escolas públicas de ensino médio do município de Cacoal/RO incentivam seus discentes na área do empreendedorismo?*

A pesquisa foi realizada juntamente com professores e alunos de duas escolas públicas do município de Cacoal/RO: Josino Brito e o Instituto de Ciência, Educação e Tecnologia (IFRO) tendo como objetivo geral analisar de que forma as escolas públicas de ensino médio sediadas em Cacoal incentivam seus alunos de nível médio no desenvolvimento do comportamento empreendedor. E, como objetivos específicos verificar a percepção dos alunos e professores diante das atividades voltadas à educação empreendedora; apontar as

principais dificuldades que as escolas públicas enfrentam para implantar as práticas/atividades empreendedoras ou a disciplina de “empreendedorismo” e verificar a metodologia utilizada pelas escolas na aplicação das práticas/atividades empreendedoras.

O tema se originou diante da preocupação de analisar o ensino de empreendedorismo vigente nas escolas públicas de Cacoal/RO, porque, com o ensino voltado a práticas empreendedoras, haverá profissionais que exercerão o papel de condutores da economia de um país, pois criarão, a partir da criatividade e entusiasmo, grandes empreendimentos, os quais contribuirão para a construção de uma sociedade mais abastada e justa. Diante desse contexto, é importante este trabalho para que as escolas adquiram a concepção sobre a relevância do tema para os seus alunos de nível médio e os jovens poderão se inserir no mercado de trabalho com ensinamentos voltados ao empreendedorismo. Isso auxiliará a sociedade, beneficiará os jovens e fornecer-lhes-á conhecimentos pertinentes sobre empreendedorismo e, com isso, os jovens poderão criar empreendimentos que contribuirão para a economia do país.

O artigo foi estruturado de modo a apresentar os conceitos teóricos sobre o tema que estão inseridos na fundamentação teórica, bem como há a metodologia utilizada para auferir os dados, e a análise dos mesmos seguido das considerações finais e as referências utilizadas para o desenvolvimento teórico da pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica tem o intuito de demonstrar os aspectos teóricos da pesquisa, ostentando os autores que tenham atribuído relevância sobre o tema estudado. Destacam-se neste capítulo os seguintes tópicos: empreendedorismo, características do comportamento empreendedor, educação empreendedora, ensino de empreendedorismo no Brasil e mundo, metodologia para o ensino de empreendedorismo nas escolas, fatores que interferem na implantação de práticas empreendedoras nas escolas e o empreendedorismo.

1.1 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é rodeado por pessoas que obtenham ideias e que consequentemente busquem aplicá-las, pois Dornelas (2005) explica que o empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos, os quais, conjuntamente, podem transformar ideias

em novas oportunidades e estas podem gerar negócios que sejam promissores e que tenham sucesso no mercado.

Observa-se que o empreendedor busca oportunidades e, com elas, tenta romper paradigmas, para que a economia se intensifique. Schumpeter (1949) direciona o empreendedor como aquele que destrói a ordem econômica existente, pois ele consegue inserir no mercado novos produtos e serviços e faz isso porque consegue criar novas formas de organização ou exploração de novos recursos e materiais.

O empreendedorismo tem por função visar o ambiente, pois, nele, o empreendedor terá que se direcionar para desenvolver novas oportunidades de negócios e, conseqüentemente, transformar a ordem econômica ao seu favor. Com esse enfoque, Kirzner (1973) aborda que o empreendedor cria um equilíbrio porque ele encontra uma posição clara e positiva em um ambiente que esteja repleto de caos e turbulência de modo que possa identificar oportunidades na ordem presente.

O empreendedorismo possui inúmeras conceituações, as quais buscam enfatizar o empreendedor como gerador de riquezas, visualizador de oportunidades, pois, através destas, os indivíduos podem criar novas ideias, organizações e inovações. Dessa forma é importante conceituar o termo empreendedorismo corporativo, o qual foi elucidado por Seiffert (2008) como um empreendedorismo que engloba criação, renovação ou inovação internamente ou externamente numa empresa. Na qual, indivíduos atuam de maneira dependente, pois eles podem construir novas organizações, renová-las ou inová-las a fim de visar o empreendedorismo corporativo.

Entretanto, todo empreendedor possui características intrínsecas, as quais podem ser identificadas, segundo Dornelas (2005), como iniciativas para criar algo novo e paixão pelo que está sendo feito bem como utiliza os recursos de forma criativa, pois, para ele, é importante transformar o ambiente em um lugar social e econômico; mas ele também aceita riscos de forma calculada e a possibilidade de fracassar.

Dornelas (2008) enfatiza que, em primeiro lugar, o empreendedorismo requer que algo novo seja criado, por isso necessita da devoção, comprometimento de tempo e o esforço necessário para que uma empresa tenda a crescer; a fim de que riscos sejam assumidos e

decisões críticas sejam tomadas. Portanto, é preciso que haja ousadia e ânimo mesmo que aconteçam erros e falhas.

O empreendedor deve lidar com disfunções que possam ocorrer ao longo de sua trajetória, com isso terá que se dedicar totalmente para que seu sonho seja alcançado. Dolabela (2008) define o empreendedor como uma pessoa sonhadora que busca transformar o seu sonho em realidade como também conceitua o termo empreendedorismo como sendo algo pertencente ao ser humano desde seu nascimento bem como um termo que não é novo e tampouco modismo, e não é um fenômeno individual.

O empreendedorismo, para ele, é um fenômeno não apenas econômico, mas também social, é uma manifestação da liberdade humana, o empreendedor pode estar em qualquer área e não apenas em uma empresa, a sociedade cria o empreendedor que merece, pois é ela que deve criar o ambiente propício para que empreendedores possam surgir. Nesse contexto, Dolabela (2008) explica que o empreendedorismo não é um conteúdo cognitivo convencional e que não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido desde que haja um sistema diferente do ensino tradicional.

1.2 CARACTERÍSTICAS DO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR

O empreendedorismo está sendo abordado em vários países, pois muitos destes tem se preocupado em relação a esse assunto; no entanto um empreendedor tem um comportamento que pode ser facilmente identificado, pois Zuin e Queiroz *et al.* (2006) abordam que todo empreendedor de sucesso mostra grande necessidade de poder realizar, possui compromisso e persistência, não se abate com derrotas consecutivas, tem autoconfiança de que tudo dará certo, visualiza suas limitações e habilidades, demonstra habilidade criativa para solucionar problemas, tem disposição para trabalhar por várias horas, busca satisfazer à clientela; modifica seu estilo de vida caso necessário, toma decisões em situações estressantes, trabalha constantemente em um ambiente com risco calculado, enxerga o dinheiro como um meio de alcance de seus objetivos.

O empreendedor explicita habilidades para se antecipar aos concorrentes, tem conhecimento técnico completo, consegue obter excelentes habilidades de comunicação e no relacionamento interpessoal como também se mantém entusiasmado e com alto senso de

humor, satisfaz sua própria necessidade de apoio pessoal, costuma ter boa saúde e demonstra elevada estabilidade emocional.

Os empreendedores buscam se realizar, pois o motivo do dia a dia deles é a esperança de que o seu negócio ou ideia dará certo, não importando o fracasso. Com isso, McClelland (1978) aborda sobre a importância do comportamento empreendedor referente à autorrealização porque esta é a principal característica que leva pessoas a empreenderem; entretanto o mesmo autor frisa que, para estimular esse comportamento, é interessante criar programas específicos que o estimulem, para que as pessoas possam aprender a empreender e se diferenciarem daquelas possuidoras de características empreendedoras inatas.

Observa-se que as características de um comportamento empreendedor são inúmeras, por isso torna-se relevante explicitar que os empreendedores ocasionam mudanças na sociedade. Silveira *et al.* (2007) explicam que os empreendedores são visionários, possuem ideias realistas, baseiam-se no planejamento de uma organização, propõem mudanças porque tentam demonstrar papel otimista dentro de uma organização, com o intuito de lidar com obstáculos internos e externos, olham além das dificuldades, pois têm foco no melhor resultado possível.

O empreendedor sempre busca romper paradigmas, contanto nota-se que os empreendedores não são novos, pois muitos deles vêm ao longo dos anos sendo incorporados à sociedade, para tanto, Hisrich e Peters (2004) destacam que o primeiro empreendedor fora Marco Polo, o qual estabeleceu rotas comerciais para o extremo oriente. Com enfoque em Marco Polo, o empreendedor visualiza-se como alguém determinado e que realmente gosta do que faz, por isso é importante determiná-lo, segundo Bueno, Leite e Pillatti (2004), como uma pessoa que possui características que o diferenciam dos demais, busca obter autoconhecimento e se atualiza diante do meio no qual atua. O empreendedor, com isso, é um indivíduo que está sempre sintonizado com informações, o que colabora para o seu sucesso no mundo atual e isso instiga pessoas e jovens, para que obtenham ensinamentos voltados ao empreendedorismo.

1.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Antigamente, o empreendedor era visto como um indivíduo que nascia com o dom

de empreender e isso não poderia ser aprendido e tampouco ensinado. Desse modo, Dornelas (2005) contextualiza que, outrora, o empreendedor tinha que nascer com essas características para se tornar bem-sucedido nos negócios. Entretanto, o mesmo autor frisa que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, pois o sucesso é oriundo de inúmeros fatores internos e externos a um negócio.

O empreendedorismo pode ser ensinado, pois, para Sela, Sela e Franzini (2006, p.1), “a introdução de disciplinas de empreendedorismo na educação básica tem um caráter revolucionário”. Com esse enfoque, o ensino do empreendedorismo torna-se possível de ser empregado nas escolas já que Dolabela (2008) enfatiza que a educação empreendedora tem o grande objetivo de desenvolver para tornar disponível um grande potencial existente na espécie humana, o qual é denominado espírito empreendedor.

O empreendedorismo como ensino deve estabelecer um ambiente propício para o aprendizado do aluno, para que ele possa identificar oportunidades em um ambiente. Dolabela (1999), em sua obra “Oficina do Empreendedor”, relata que o ambiente acadêmico do aluno-empreendedor é aquele que forças produtivas, econômicas, sociais e políticas se encontram e se articulam. Ele ainda aborda que, para o aluno que deseja ser empreendedor, o saber mais relevante está na capacidade de sondar o mercado e enxergar o que muitos não conseguem, uma oportunidade.

Enquanto Dolabela propõe uma educação empreendedora com enfoque no aluno-empreendedor e que ele busque na prática identificar oportunidades, Filion (2000) estabelece parâmetros que possuem também o foco em oportunidades e na propagação de *know-how* visto que um programa de empreendedorismo deve estar centrado no desenvolvimento do conceito de si bem como na propagação de *know-how* e não apenas na transmissão de conhecimento. Nessa abordagem, um programa de empreendedorismo deve estar ligado em práticas, nas quais, os estudantes devem compreender contextos, situações, entrevistas com empreendedores, testemunhos pessoais, etc.

Filion (2000) também cita que é importante adaptar a educação empreendedora, para que seja possível descobrir quem são os empreendedores e o que fazem. O autor também frisa que empreendedores em potencial têm muito a aprender com depoimentos de empreendedores experientes, pois estes podem descrever como se tornaram bem-sucedidos e os em potencial

podem imaginar algo novo.

No que tange a educação empreendedora, observa-se a preocupação de grandes estudiosos para o desenvolvimento da educação e sua importância para os empreendedores. Leite (2012) prioriza a inserção de cursos de empreendedorismo em escolas de todos os níveis, do mais elementar, bem como passando pelos níveis intermediários e, por fim, chegando à universidade. Com isso, Leite (2012) explica que um programa de formadores em empreendedorismo tem de tornar os participantes capazes conforme características descritas no quadro 01.

Quadro 1: Programa de formadores em empreendedorismo

1	Descrever o papel do empreendedorismo e a contribuição que ele oferece para o desenvolvimento econômico do seu país;
2	Perceber a relevância das micro, pequenas e médias empresas que são geradoras de emprego e renda.
3	Ser capazes de aplicar modelos de tomada de decisão, no seu dia a dia, adquirir conhecimentos dos diversos tipos de habilidades e decisões necessárias a um empreendedor.
4	Reconhecer a necessidade de um processo contínuo de aprendizagem para a expansão de seu empreendimento.
5	Identificar seus pontos fortes e fracos como empreendedor, a partir de um conjunto de processos.
6	Identificar novas oportunidades de negócios e ampliar mercados já existentes.
7	Criar um plano de negócio, inserindo vários componentes, tais como: aspectos financeiros, produção, recursos humanos e <i>marketing</i> .
8	Identificar e utilizar serviços que apóiam o fomento do empreendedorismo.
9	Estar pronto para implementar estratégias gerenciais eficazes.

Fonte: Adaptado de Leite (2012).

O ensino do empreendedorismo deve ser o guia para um aprendiz a fim de agregar-lhe todos os aspectos existentes num empreendimento. Martens e Freitas (2008) concordam que o ensino ao empreendedorismo deve estar direcionado à inovação, criação e no desenvolvimento de empresas e não na clássica educação em negócios para gerenciar empresas.

Souza *et al.* (2005) explicam que o ensino ao empreendedorismo deve levar o aluno a aprender a entender o mundo e ter colaboração em contexto competitivo. O aluno deve também encarar a vida, obtendo raciocínio criativo e resolver problemas da vida numa perspectiva criativa, domínio pessoal, deve desenvolver o autoconhecimento e o autodesenvolvimento, deve possibilitar um pensamento sistêmico, possibilitar o conhecimento do todo e das relações entre as partes. O autor ainda aborda que o ensino do empreendedorismo deve focar no autoconhecimento bem como perseverança, imaginação, e criatividade, e inovação, para que o aluno não aprenda apenas o quão importante é o que está

sendo aprendido, mas o como é aprendido. Portanto, o ensino do empreendedorismo deve incentivar o aluno a aprender, ser perseverante, inovador, criativo, etc.

Os alunos, com isso, devem ser inovadores, devem estimular os seus sonhos, ser imaginativos, perseverantes, pois muitos autores evidenciam a importância desses adjetivos. Diante dessa visão, Henrique e Cunha (2008) destacam que, na literatura, essas características serão divergentes e confluentes, porém essas práticas pedagógicas vão desde conferências, aulas expositivas, discussões de grupo e em sala de aula, plano de negócios, dinâmicas de grupo e, até mesmo, o enfoque em teoria.

Dentre as diversas maneiras de ensinar empreendedorismo, é interessante analisar os aspectos práticos e teóricos porque são esses que podem nortear os alunos na aprendizagem. Hynes (1996) prioriza uma educação empreendedora que mostra a prática e a teoria conjuntamente, pois, para ele, a educação empreendedora possui métodos formais e informais, nos quais, o primeiro deve mostrar aos alunos os aspectos teóricos e conceituais para dar suporte aos alunos no campo do empreendedorismo e também os avaliar com exames formais. No entanto, nos aspectos informais, os alunos devem ser levados a construir habilidades, desenvolvimento de qualidades e mudanças nos comportamentos, logo os aspectos formais e informais devem estar coligados. O autor busca demonstrar também que os alunos devem utilizar estudos de caso, visitar empresas, *brainstorming*, simulações, etc. Dessa maneira, o ensino do empreendedorismo possibilitará que os alunos obtenham a junção entre a prática e a teoria.

Nessa mesma visão, Almeida *et al.* (2008) concordam que a educação empreendedora tem de formar pessoas criativas, inovadoras e proativas, as quais devem trazer à empresa algo a mais, além do que é pedido e tornarem-se verdadeiros colaboradores. Portanto, com o ensino do empreendedorismo, a sociedade se tornará mais capacitada para poder empreender.

1.4 ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E MUNDO

No Brasil, o ensino do empreendedorismo ocorre de maneira menos incisiva que em outros lugares do planeta já que muitos jovens são educados para não se tornarem empreendedores. Com essa mesma visão, Almeida *et al.* (2008) destacam que a educação

brasileira não forma jovens empreendedores, pois ela busca formá-los para serem empregados, com pouco incentivo para criarem algum negócio ou serem pelo menos intraempreendedores.

O empreendedorismo deve estimular o sonho das pessoas, como fora abordado anteriormente, e deve incitar às pessoas a querer aprendê-lo. No entanto, no Brasil, o ensino do empreendedorismo é divergente de outros países, uma vez que a realidade brasileira possui parâmetros diferentes. Mariano (2010) explicita que o ensino do empreendedorismo no Brasil é diferente dos países desenvolvidos porque as variáveis que definem a ética brasileira e a estratégia educacional são oriundas de contingências não encontradas nesses países.

O autor supracitado explana que o início do ensino do empreendedorismo no Brasil, teve suas primeiras iniciativas de ensino por volta do ano de 1981, na Fundação Getúlio Vargas, no âmbito da escola de Administração de Empresas, com a disciplina “Novos Negócios”, como também a Universidade de São Paulo (USP) introduziu um curso de empreendedorismo denominado “criação de empresas”. Entretanto, o autor diz que o grande impulso do empreendedorismo no Brasil ocorreu no ano de 1994, com a introdução da Sociedade Brasileira para Promoção de Exportação de *Software* (SOFTEX 2000), a qual estava intimamente ligada à Secretaria Especial de Informática (SEI) e ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

O SOFTEX tinha o intuito de fomentar o empreendedorismo entre os estudantes do curso de bacharelado em informática e ciência da computação, para que os programas de final de curso dos estudantes se materializassem e pudessem ser vendidos no Brasil e no mundo. Nesse ambiente, o SOFTEX delineou alguns objetivos relatados pelo autor, como: melhorar a infraestrutura de apoio às empresas de *software*, os alunos deveriam dar apoio para que as empresas pudessem vender seus produtos no exterior e propagar o empreendedorismo e a criação de novas empresas geradoras de *softwares* (MARIANO, 2010).

Nessa mesma visão que fora abordada anteriormente, o Brasil possui ainda outros cursos e ensinamentos voltados ao empreendedorismo. Nisso, Dornelas (2005) concorda com o autor supracitado que o ensino do empreendedorismo no Brasil surgira nos anos de 1990 quando entidades, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para Exportação de *Software* (SOFTEX), foram criadas.

O autor também aborda que antes disso não se falava em empreendedorismo no Brasil, pois o ambiente brasileiro não visava as ações empreendedoras; porém o SEBRAE é um dos órgãos mais conhecidos pelos pequenos empresários e o SOFTEX foi um dos principais fundadores do empreendedorismo porque tentou levá-lo ao mercado externo, para que as empresas de *software* brasileiras pudessem chegar ao mercado externo e os empresários de informática obtivessem a capacitação em gestão e tecnologia.

Depois de abordado alguns aspectos do empreendedorismo no Brasil, Dornelas (2005) cita alguns outros ensinamentos voltados ao empreendedorismo no país, dentre os quais, o de Geração de Novas Empresas de *Software*, Informação e Serviços (Genesis), o qual, conjuntamente ao SOFTEX, foi criado nos anos noventa e apoiava as atividades de empreendedorismo no Brasil. Entretanto, no âmbito do governo federal, o Programa Brasil Empreendedor direcionou a capacitação de mais de 6 milhões de empreendedores no Brasil, fornecendo-lhes recursos financeiros, os quais totalizaram R\$ 8 bilhões. Este programa, contudo, vigorou de 1999 até 2002, realizando mais de 5 milhões de operações de crédito e, por fim, o autor aborda os programas do SEBRAE, o EMPRETEC e o Jovem Empreendedor.

Muitos outros cursos foram se dissolvendo no Brasil, pois vários deles foram criados em universidades. Entretanto houve uma explosão, citada por Dornelas (2005), do movimento de criação de empresas *pontocom* que fez com que surgisse o instituto *E-cobra* que forneceu apoio aos empreendedores, consagrando-lhes com cursos, palestras, prêmios aos melhores planos de negócios de empresas *start-up* que foi feito por jovens empreendedores e, também, outro fator interessante sobre o ensino do empreendedorismo é o desenvolvimento de incubadoras.

O ambiente brasileiro cresce e busca expandir cada vez mais o empreendedorismo, ensinando-o de diversas formas e incentivando jovens, adultos, pequenos, grandes e médios empresários a buscarem conhecimentos sobre o tema. Ademais esse tema não é tão jovem em outros países, pois Dornelas (2005) explica que mais de 1500 escolas americanas ensinam empreendedorismo. Com visão nas escolas americanas, Leite (2012) enfatiza a escola antiga do empreendedorismo, a qual, segundo ele, desenvolveu seus primeiros cursos nos anos de 1940 nos Estados Unidos da América.

Na década de 80, o empreendedorismo ganhou importância ao se inserir nas escolas

de negócios americanas, européias e asiáticas; por isso a inserção do ensino do empreendedorismo em escolas não é nova em muitos países tal como ao Brasil que estabeleceu relevância ao tema apenas na década de 1990. Não só a escola americana tem se preocupado com o empreendedorismo no mundo, pois Matlay (2005) mostra que, no Reino Unido, responsáveis por políticas de desenvolvimento estão obcecados pelo empreendedorismo bem como o ensino do empreendedorismo, porque o tema está sendo tratado como solucionador para a gama de desafios socioeconômicos e políticos.

O ensino do empreendedorismo se propaga em todos os países seja desenvolvido ou subdesenvolvido, isto não importa mais na sociedade globalizada que está se inserindo no mundo atual. A sociedade, então, direcionar-se-á ao ensino do empreendedorismo para a solução dos problemas da sociedade.

1.5 METODOLOGIA PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NAS ESCOLAS

No ensino médio brasileiro, o empreendedorismo é desenvolvido por inúmeras instituições, as quais adotam diversas metodologias de ensino que vão do ensino fundamental ao médio, uma dessas é a pedagogia empreendedora, a qual é desenvolvida pelo professor Dolabela (2008) que destaca que, em 2003, após alguns testes extensos e cuidadosos e com o auxílio de diversos educadores, ele iniciara a implantação da pedagogia empreendedora e esta é uma metodologia que trata de empreendedorismo para crianças tanto para escolas que oferecem o ensino fundamental e médio quanto para as escolas de educação infantil. Dolabela ainda diz que essa metodologia, em menos de dois anos, atingiu redes públicas municipais de 126 cidades, chegando a cerca de 10 mil professores, 300 mil alunos e centenas de escolas já implementaram essa metodologia por todo o Brasil.

Ainda em relação à pedagogia empreendedora, os jovens devem recebê-la para obter a melhor compreensão possível sobre o tema. Para tanto, Santos (2012) explica que essa pedagogia busca atender crianças de 4 anos a 17 anos de idade. Ela aborda que a implantação da pedagogia se inicia através da capacitação dos próprios professores desde o ensino médio ao mais básico possível, e isso funciona a partir de seminários com duração de dois dias. Nesses seminários são passados todos os materiais e a metodologia que fará com que a pedagogia empreendedora seja aplicada e isso ocorre durante o ano letivo sem que haja a implantação da disciplina na grade curricular. A metodologia não busca, segundo a autora,

romper com o ensino tradicional, ao contrário, aproveita-o conjuntamente aos professores, para que possam passar o conhecimento que eles possuem da área em que lecionam.

Sela, Sela e Franzini (2006) destacam que a pedagogia empreendedora fundada por Dolabela busca atender aos jovens da pré-escola ao ensino médio e que, primeiramente, o jovem deve desenvolver um sonho, o qual é um futuro que o jovem pretende chegar, estar ou ser. Em segundo instante, o aluno tem de buscar realizar o sonho, buscando sempre aprender e se motivar para alcançá-lo visto que essa metodologia utiliza a teoria do sonho, o que permite, portanto, o sonho se tornar real.

Outra metodologia interessante que pode ser empregada em diversos níveis de ensino, inclusive no ensino médio, é a oficina do empreendedor, a qual foi criada por Dolabela (1999). Este aborda em sua obra que deve empregar ao processo de aprendizado elementos como a emoção, o conceito de si, a criatividade, o não-conformismo e a persistência. Ele ainda explica que essa proposta de aprendizado ao empreendedorismo deveria ser inserida em todos os conteúdos formativos e ensinados de todos os níveis e áreas.

Na metodologia da oficina do empreendedor, o escritor relata que o autoaprendizado é um dos pontos basilares, uma vez que o empreendedor real é o modelo para os novos empreendedores, pois ele passa a possuir o papel de mestre. Nesta estrutura de aprendizado, o professor tem o papel de Organizador da Oficina do Empreendedor (OOE), assim ele assume, segundo Dolabela, a função de criador do ambiente favorável ao desenvolvimento do empreendedor. Para o desenvolvimento dessa metodologia, a oficina do empreendedor tem de possuir uma cultura favorável à propagação do vírus empreendedor que faça com que inocule nos alunos ainda não contaminados bem como acelere a manifestação do vírus em alunos que foram previamente inoculados em outros ambientes. Dolabela (1999) ainda frisa que o veículo de contágio mais eficiente é o empreendedor, o qual estabelecerá contato direto com os estudantes, na sala de aula.

Nessas metodologias, qualquer indivíduo pode identificar que ambas possuem peculiaridades que abarcam a capacidade de fazer os indivíduos sonharem, serem criativos, inusitados, pois o empreendedorismo deve possuir uma metodologia capaz de forjar intelectos mais preparados para sonhar, inovar, planejar, e terem vontade de assumir riscos em situações inusitadas (SELA; SELA; FRANZINI, 2006).

1.6 FATORES QUE INTERFEREM NA IMPLANTAÇÃO DE PRÁTICAS EMPREENDEDORAS NAS ESCOLAS

As escolas brasileiras estão visualizando o empreendedorismo e o ampliando no ambiente escolar. Entretanto, existem alguns fatores que ainda interferem na implantação de práticas empreendedoras nas escolas. Santos (2012) aborda que, no Brasil, a educação ainda é tradicional e prioriza o ensino do empreendedorismo para a administração de empresas, visualizando o crescimento econômico; mas não o capital social e humano.

Com isso observa-se que o ensino do empreendedorismo ainda é focado nas universidades e cursos de Administração e não nas escolas, as quais poderiam fomentar ainda mais o instinto empreendedor nos jovens; isso, portanto, ocasiona a falta de empreendedores advindos das escolas de ensino básico ao médio. Nessa visualização, Sela, Sela e Franzini (2006) concordam que grandes fatores que interferem na implantação de práticas empreendedoras nas escolas é a própria sociedade, pois os próprios pais e professores do ensino fundamental ao médio diziam que o aluno deveria estudar e ser bom aluno para arranjar um bom emprego no futuro, porém por que não dizem que o aluno deve estudar e ser bom aluno para ser um grande empresário ou um grande empreendedor. Eles argumentam ainda que os indivíduos estão dentro de casa, deixando de estimular a cultura empreendedora nas futuras gerações e os sonhos dos jovens.

Nos cursos de Administração, os quais possuem uma visão maior para o ensino do empreendedorismo, os problemas existem, pois Dolabela (1999) apregoa que esses cursos, com algumas exceções, são voltados de forma exclusiva para o gerenciamento de grandes empresas e muitas das instituições de ensino brasileiras estão literalmente distanciadas dos sistemas de suporte, os quais são empresas, órgãos governamentais, financiadores, associações de classe, das quais, muitos pequenos empreendedores necessitam arduamente, por fim as relações universidade-empresa são ainda, segundo o autor, incipientes no Brasil. Observa-se que o foco ainda é ensinar jovens a gerenciar empresas e não a se tornarem empreendedores.

Diversos outros fatores interferem na inserção de práticas empreendedoras nas escolas. No entanto, um dos fatores que deve receber atenção é a falta de capacitação que os professores possuem para aplicação dessas práticas aos alunos. A pesquisa realizada pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GRECO, 2009) revelou que os professores não estão

capacitados suficientemente para aplicação dessas práticas empreendedoras para a mudança de comportamento dos docentes no processo de aprendizagem, pois muitos deles aprenderam a reproduzir conhecimento em um sistema educacional tradicional, o qual lhes obriga a não inovar no ensino para oferecer aos alunos trabalhos com pesquisa, projetos, práticas na relação professor-aluno e vivência profissional-prática. O GEM também cita na mesma pesquisa que a educação como transformadora da cultura de uma sociedade é um fator de fomento às atividades empreendedoras mais promissoras para o desenvolvimento de uma região.

Outros fatores que tem interferido nas práticas empreendedoras nas escolas e na propagação dessas práticas no cenário brasileiro são o que Lima-Filho, Sproesser e Martins (2009) destacam. Para eles, o cenário econômico-social dos últimos tempos como também o crescimento populacional contrastado pela estagnação ou baixo crescimento em oferta de emprego e na geração de renda estão fomentando de certa maneira o interesse populacional na criação de micro e pequenas empresas e o interesse econômico pelo empreendedorismo por necessidade de sobrevivência do que pelo empreendedorismo que visa oportunidades.

Muitos fatores ainda atrapalham a inserção de práticas empreendedoras nas escolas, no entanto isso tende a variar de região para região e é interessante que os professores e a sociedade observem o grau de relevância das práticas empreendedoras, pois estas podem tornar pessoas empreendedoras e geradoras de empregos para a sociedade.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, seriam entrevistados cinco professores e alunos do ensino médio das escolas públicas de Cacoal, os quais seriam da escola Josino Brito, Carlos Drummond de Andrade, Clodoaldo Nunes de Almeida, Cora Coralina e Carlos Gomes; no entanto, ao se desenrolar a pesquisa, verificou-se que quatro dessas escolas não trabalham com o ensino de empreendedorismo. No entanto, dentre as escolas, apenas a escola Josino Brito se inseriu, porque possui os requisitos para o desenvolvimento da pesquisa e, após algumas pesquisas e discussões, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) Câmpus de Cacoal teve sua inserção ao trabalho, pois também trabalha com a metodologia empreendedora.

Com o intuito de analisar a percepção de professores e alunos sobre a prática empreendedora, foi utilizado o método indutivo, porque a pesquisa partiu de indagações das quais não se conhece o fenômeno abordado, o que pode levar o pesquisador a dados mais abrangentes. Desse modo, Parra Filho e Santos (2011) diferenciam o método dedutivo do indutivo, dizendo que o segundo busca estender o conhecimento enquanto o primeiro, a partir de um processo regressivo, busca provar a sua certeza.

Optou-se também por estudos descritivos, porque foram analisados os estudantes bem como professores e diferentes escolas, as quais forneceram informações diversificadas, ou seja, foi de muita importância verificar as diferentes opiniões e percepções, quanto ao problema da pesquisa, dos alunos, professores e dos programas de empreendedorismo de cada escola. Portanto, segundo Oliveira (2011), os estudos descritivos permitem uma análise muito mais aprofundada do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos e comunidades.

A abordagem utilizada foi a qualitativa, já que possibilitou descobrir dados que não podem ser mensurados, como: opiniões de diferentes alunos e professores sobre a disciplina de empreendedorismo vigente nas escolas, os problemas enfrentados por eles e a metodologia usada para lecionar a disciplina empreendedora. Nesse aspecto, Godoy (1995) explica que, na abordagem qualitativa, não se procura medir ou mensurar os dados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, busca partir de focos e questões amplas que vão se definindo a partir do desenvolvimento do estudo bem como implica a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos em contato direto do pesquisador com a situação estudada de forma que haja a busca para compreender a situação juntamente com os sujeitos da pesquisa.

Para a coleta de dados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Parra Filho e Santos (2011), proporciona uma forma de conhecimento prévio do nível em que se encontra o assunto a ser abordado e se inicia com fontes primárias já escritas em livros, jornais, revistas, etc. Também foram utilizados o formulário e a entrevista, onde o primeiro, segundo Cervo; Bervian e Silva (2007) é uma lista informal, catálogo ou inventário e pode ser usado para a coleta de dados resultantes da observação ou de interrogações e o preenchimento do formulário é feito pelo próprio investigador e o segundo, de acordo com Marconi e Lakatos (2002), se desenvolve a partir de um encontro entre duas pessoas, para que uma delas possa obter informações de um determinado assunto conforme uma conversação de natureza

profissional.

Para alcançar os objetivos traçados pela pesquisa, o formulário estruturado (APÊNDICE A), adaptado da Dissertação de Mestrado de Giannasi (2010), com o título *A Tendência Empreendedora em Jovens Universitários: Um estudo sobre alunos e ex-alunos do curso de Administração da UNIC – Campus Primavera do Leste – MT*, foi aplicado no período de 06 a 07 de maio de 2015, juntamente com os alunos de ambas as escolas, sendo 141 aplicados; mas apenas 105 obtiveram as respostas e, dentre esses, 77 foram respondidos na escola Josino Brito e 28 no IFRO com o objetivo de identificar a percepção dos alunos quanto ao ensino de empreendedorismo vigente nas escolas.

O formulário continha 14 questões abertas e fechadas, onde a primeira buscava identificar o perfil de cada pesquisado, bem como estruturadas conforme a escala de Likert, segundo os *scores*: muito ruim, ruim, boa, muito boa e excelente; bem como concordo totalmente, concordo em parte, indeciso, discordo em parte e discordo totalmente. Esta escala, segundo Hair Jr. *et. al* (2014), foi criada por Rensis Likert com o intuito de que os respondentes indicassem o quanto concordam ou discordam de uma série de informações como também utilizava cinco descritores: concordo fortemente, concordo, nem concordo nem discordo, discordo e discordo fortemente.

Para desenvolver a entrevista (APÊNDICE B), foram entrevistados dois professores, um do Josino Brito e outro do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia (IFRO), Câmpus Cacoal/RO, ambos selecionados intencionalmente por serem responsáveis pelo ensino do Empreendedorismo em suas respectivas escolas. O roteiro de entrevista foi adaptado da monografia de Santos (2012), cujo título é o *Ensino do Empreendedorismo nas Escolas*, possuindo 26 questões abertas e fechadas, bem como a primeira parte buscou identificar o perfil dos docentes e a entrevista foi gravada e realizada durante o período de 19 de Abril a 20 de abril de 2015.

Para a validação do roteiro do formulário e da entrevista semiestruturada, foi aplicado um pré-teste no mês de março em uma escola do ensino médio particular do município de Cacoal, com a participação de 06 alunos e uma professora. Após a aplicação, tabulação e análise, os roteiros foram reestruturados para posterior aplicação nos locais da realização da pesquisa.

As escolas foram escolhidas por possuírem as características de ensino ao empreendedorismo, sendo que o Josino Brito possui 757 alunos; porém, apenas 433 se aplicavam à pesquisa, porque o 1º ano do nível médio não havia tido ensino ao empreendedorismo em anos anteriores, já que a escola fornece apenas ensino médio. Portanto, apenas os 2º e 3º anos participaram da pesquisa, totalizando o universo de 433 alunos que conforme o cálculo amostral de Martins (1994) estabeleceu uma amostra de 138 participantes, com margem de erro de 7%, com nível de confiança de 95%.

$$N = \frac{z^2 \cdot p \cdot q \cdot n}{d(n-1) + z^2 \cdot p \cdot q}$$

Onde,

N= tamanho da população;

Z= Abscissa da normal padrão;

P= Estimativa da proporção;

Q= 1-P e d= Erro amostral.

O formulário foi aplicado a todos os alunos que estavam em sala de aula e que possuíam as características necessárias para a participação na pesquisa, participando apenas os alunos do período vespertino. Dentre a amostra dos 138 participantes, apenas 77 aceitaram responder o formulário. Já no IFRO, participaram integralmente os 28 alunos do 3º ano do ensino médio que estudam no período matutino e vespertino, sendo os únicos a receberem o ensino voltado ao empreendedorismo. Logo, totalizando 105 participantes entre as duas escolas

A pesquisa manteve os aspectos éticos, de modo a respeitar a instituição, o sigilo das informações prestadas, bem como os sujeitos não foram identificados e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A). O pesquisador assinou o Termo de Responsabilidade (ANEXO B) de modo a isentar a Fundação Universidade Federal e o orientador de qualquer responsabilidade pelo conteúdo expresso neste trabalho. Desse modo, auferidos os dados, foi possível formatá-los através do uso de Word e Excel, possibilitando a interpretação adequada dos mesmos, bem como houve o uso da Análise do Discurso e o trabalho foi estruturado a partir da utilização do Manual de Artigo Científico do Curso de Administração da Unir – Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles (SILVA; TORRES NETO; QUINTINO, 2010).

3 ANÁLISE DE DADOS

É importante observar que a pesquisa buscou analisar de que forma as escolas públicas de Cacoal/RO incentivam os alunos de nível médio a praticar atividades voltadas ao empreendedorismo. Para isso, o pesquisador realizou entrevistas juntamente com os professores e aplicou formulários junto aos alunos para observar a percepção de cada um perante estas atividades, analisando-os diante das dificuldades encontradas para ministrar as atividades, a forma de metodologia utilizada.

3.1 PERFIL DOS ALUNOS

Nas escolas, o gênero feminino foi preponderante na pesquisa, pois, na escola Josino Brito, dos 77 pesquisados, 72% eram meninas e os outros 27% meninos e o IFRO contribuiu também com 61% pertencentes ao sexo feminino e os outros 39% do masculino. Portanto, o sexo feminino forneceu a maior parte dos dados auferidos pelo pesquisador.

Os alunos explicitaram as suas idades, as quais denotaram que a grande maioria possui entre 15 e 17 anos; isso, no entanto, era esperado visto que os alunos cursam o ensino médio. Nas duas escolas, a idade entre 15 e 17 anos é maior, já que, entre os 28 alunos do IFRO, 89% tinham a idade de 15 a 17, mas 11% possuíam entre 18 a 20 anos. E na outra escola, entre os 77, 94% obtinham 15 a 17 anos, 5% 18 a 20 anos e 1% abaixo de 15 anos.

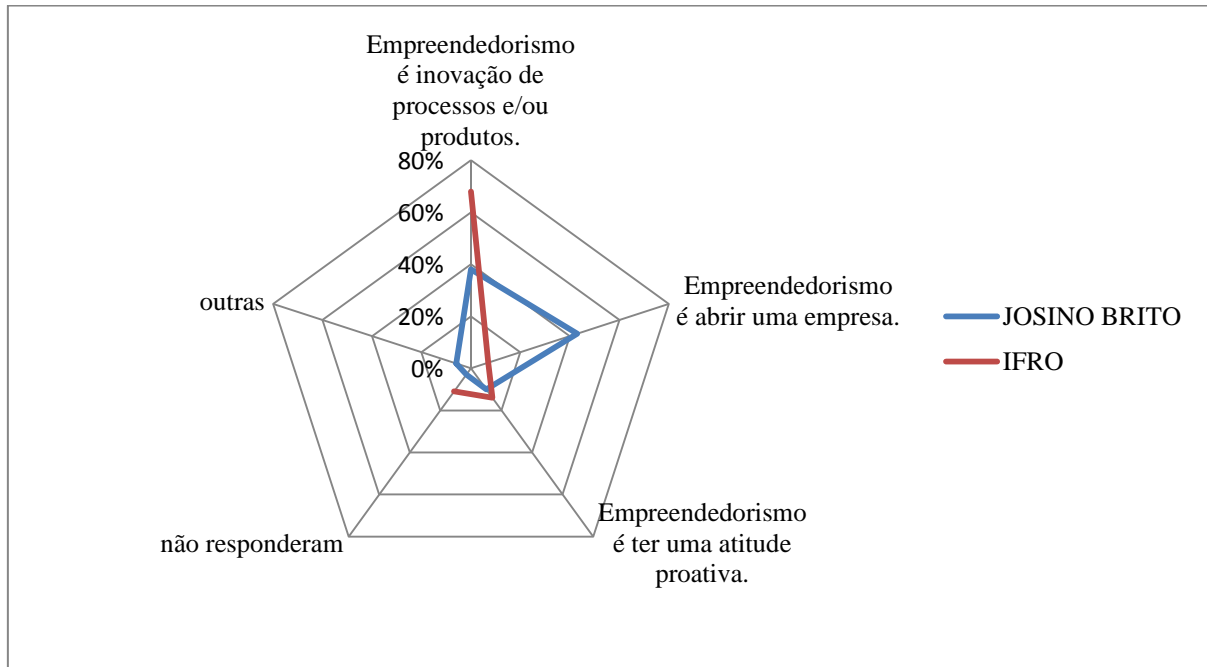
Dentre os 77 da Escola Josino Brito, 68% estavam inseridos no 2º ano do ensino médio e os outros 32% eram do 3º ano. No IFRO, os formulários foram aplicados apenas aos pertencentes ao 3º ano do ensino médio, porque apenas estes obtinham as características demandadas para a realização da pesquisa.

3.2 PERCEPÇÃO DOS ALUNOS QUANTO À EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Para avaliar a percepção dos alunos diante do ensino de empreendedorismo fornecido pelas escolas pesquisadas, foi lhes indagado o que é empreendedorismo. Para tanto, ao se comparar as escolas pesquisadas, ambas ofereceram respostas divergentes sobre o tema, porque, para a maioria dos alunos do Josino Brito, o empreendedorismo é “abrir uma

empresa”; entretanto, para os do IFRO, ele é “inovação de processos e/ou produtos”, conforme explícito no gráfico 01.

Gráfico 1: Percepção quanto ao conceito de empreendedorismo.



Fonte: o Autor (2015).

Dentre as respostas, alguns explicitaram que empreendedorismo é ter uma atitude proativa, bem como outros não responderam as questões. Diante da visão dos alunos, o empreendedorismo possui inúmeras conceituações, pois vários autores o conceituam de variadas formas; no entanto, para a maioria dos alunos do Josino Brito, o empreendedorismo corrobora ao que Seiffert (2008) abordou, porque, para ele, a criação, inovação ou renovação interna e externa a uma empresa é o que define o empreendedorismo. Para os do IFRO, a definição de empreendedorismo é semelhante ao que Dornelas (2005) explicita, pois, para o autor, empreendedorismo é como o envolvimento de pessoas e processos.

Para avaliar a metodologia usada pelas escolas em relação a aplicação de práticas empreendedoras, o pesquisador buscou identificar se os professores são motivados para orientar os alunos diante da prática empreendedora. Diante disso, para ambas as escolas, o termo “alguns incentivam a prática empreendedora” foi unânime, porque 56% dos 77 do Josino Brito referiram-se a essa resposta, enquanto que 57% dos 28 do IFRO também, conforme evidenciado na Tabela 1.

Tabela 1: Motivação dos professores diante das atividades de empreendedorismo.

	JOSINO BRITO	IFRO
Todos são motivados.	23%	-
Alguns incentivam.	56%	57%
O professor de empreendedorismo.	5%	39%
Os professores não incentivam.	5%	-
Não sabe.	10%	4%

Fonte: o Autor (2015).

Conforme a Tabela 1 é perceptível que os alunos responderam de maneira unívoca em relação à percepção que possuem sobre a motivação dos professores para orientá-los a praticarem as atividades de empreendedorismo. Desse modo, eles têm a percepção de que os professores os instigam para as práticas empreendedoras, mesmo que não sejam todos.

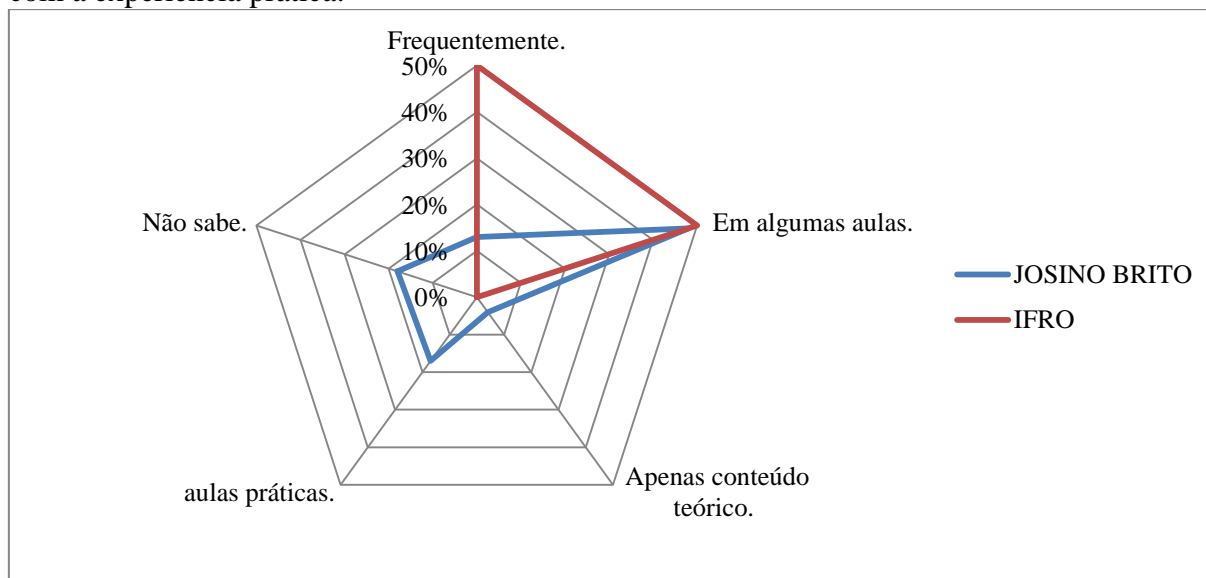
Com a resposta da maioria, é identificável que os professores estão preocupados em relação à aplicação de atividades empreendedoras; isso, no entanto, não corrobora ao que Sela, Sela e Franzini (2006) explanam, porque afirmam que os pais e professores do ensino fundamental ao médio incentivam os alunos apenas para estudarem e serem empregados, e não os estimulam para se tornarem empreendedoras. Portanto, nas duas escolas, os professores estão estimulando os discentes a serem grandes empreendedores.

Ainda em relação à percepção dos alunos diante dos professores, foi lhes perguntado se a escola se preocupa em correlacionar o conhecimento teórico e prático nas atividades de empreendedorismo. Para os alunos do Josino Brito, dentre os 77, 48% abordaram que, em algumas aulas, há a junção entre os aspectos teóricos e práticos, outros 13% disseram que frequentemente há essa mistura, bem como 18% não sabiam, 17% explanaram que a escola oferece apenas aulas práticas e os outros 4% que havia apenas a apresentação de conteúdo teórico. Do outro lado, as respostas ficaram divididas, pois 50% evidenciaram que frequentemente há a abordagem tanto de conteúdo teórico quanto prático e os outros 50% corroboraram com os do Josino, já que, para estes, apenas em algumas aulas, há a junção de aspectos práticos e teóricos.

O Gráfico 2 evidencia a percepção dos alunos quanto à preocupação em conciliar o conhecimento teórico com a experiência prática. Com as afirmações dos alunos, é possível avaliar que, tanto frequentemente quanto em algumas aulas, os professores se preocupam em relacionar os conteúdos teóricos e práticos ao mesmo tempo, embora alguns utilizem disso em algumas aulas. Ao correlacionar os aspectos práticos e teóricos, a metodologia utilizada pelos

professores colabora ao que Hynes (1996) propõe, já que, para ele, a educação empreendedora deve mostrar a prática e a teoria conjuntamente.

Gráfico 2: Percepção dos alunos quanto à preocupação em conciliar o conhecimento teórico com a experiência prática.



Fonte: o Autor (2015).

Para complementar a compreensão acerca da percepção dos alunos, buscou-se identificar, a partir de cinco questões, a avaliação de cada aluno sobre a metodologia utilizada pela escola, sobre o interesse deles pela disciplina, o empenho e a dedicação de cada um, os conceitos apresentados pela escola e a importância que cada aluno atribui ao ensino de empreendedorismo. Diante dessa prerrogativa, a Tabela 2 apresenta os resultados como cada escola foi avaliada pelos discentes, a partir de uma escala de 1 a 5, onde muito ruim (5), ruim (4), boa (3), muito boa (2), excelente (1) e não responderam (N.R).

Tabela 2: Percepção dos discentes quanto ao ensino de Empreendedorismo

	JOSINO BRITO						IFRO					
	5	4	3	2	1	N.R	5	4	3	2	1	N. R.
Metodologia de ensino	-	12%	66%	14%	4%	4%	-	-	18%	29%	54%	-
Interesse pela disciplina	-	5%	56%	30%	6%	3%	7%	4%	29%	36%	21%	4%
Empenho e dedicação	1%	8%	45%	31%	12%	3%	4%	14%	39%	18%	21%	4%
Conceitos apresentados	-	4%	43%	36%	13%	3%	4%	4%	29%	29%	32%	4%
Importância do ensino de empreendedorismo	-	3%	40%	32%	22%	3%	-	4%	7%	14%	71%	4%

Fonte: o Autor (2015)

Conforme evidenciado, para os alunos do IFRO, a metodologia de ensino, para a grande maioria (54%), é excelente; entretanto o interesse dos alunos não chegou ao grau de excelência visto que 36% dos 28 alunos responderam que o interesse é “muito bom”; para a grande maioria dos alunos, o “empenho” e a “dedicação” pelo tema também não são excelentes, pois, para 39% dos 28, é apenas “bom”. Ainda responderam a respeito da avaliação deles sobre os conceitos apresentados pela escola em relação ao tema “empreendedorismo”. Para a maioria (32%), os conceitos apresentados são excelentes e, por fim, apresentaram a avaliação sobre a importância do ensino de empreendedorismo na escola para que eles se tornassem empreendedores. Desse modo, para 71% dentre os 28, a avaliação é excelente, contribuindo para verificar que os alunos acreditam que o empreendedorismo deva ser ensinado.

Com a Tabela 2 é possível demonstrar a percepção dos alunos da escola Josino Brito sobre os aspectos abordados anteriormente. Para 66% dos alunos pesquisados, a metodologia de ensino possui caráter “boa”, já que a maioria a definiu desta forma e a avaliação de cada um quanto ao interesse pelo tema empreendedorismo foi designada como “boa” também, bem como a avaliação do “empenho” e “dedicação” obteve “boa” assim como a avaliação de cada um em relação aos conceitos apresentados pela escola, e a importância que cada um atribui ao ensino de empreendedorismo.

É nítido que haja discrepância em relação às opiniões dos alunos de cada escola, pois, para o Josino Brito, todas as indagações não eram excelentes, demonstrando que os alunos não consideram excelente que a escola os ensine empreendedorismo para se tornarem empreendedores de sucesso. Por outro lado, para os alunos do IFRO, a importância do ensino de empreendedorismo fornecido pela escola para que se tornem empreendedores é excelente, já que 71% responderam deste modo. Com essas afirmações, mesmo que umas não obtiveram o caráter excelente, demonstra que os alunos consideram relevante que as escolas os ensinem empreendedorismo, colaborando para o *Global Entrepreneurship Monitor* (2013), o qual explica que é relevante a preocupação sobre a inserção da atividade empreendedora nos níveis médio e fundamental.

Diante desses aspectos, os discentes demonstraram o que os motivou para participar das atividades de empreendedorismo. Dentre as marcações, estavam a motivação do professor, a nota recebida, o interesse pessoal pelo tema e a vontade dos pais. Desse modo, o

pesquisador identificou que a grande maioria dos alunos do Josino Brito considera a nota recebida como o grande motivo de participar das atividades de empreendedorismo, pois 61% abordaram dessa maneira; no entanto, para 54% dos pesquisados do IFRO, o grande requisito para participarem das atividades de empreendedorismo foi a “motivação do professor”.

Segundo os quesitos revelados pelos alunos do IFRO, estes declararam que a importância do professor para o ensino tem os motivado para participarem das atividades de empreendedorismo. Dessa forma, é visto que não se insere ao que o GEM (2009) abordou, já que, para o instituto de pesquisa sobre empreendedorismo, os professores não estão capacitados suficientemente para aplicação dessas práticas empreendedoras para a mudança de comportamento dos docentes no processo de aprendizagem. Portanto, para os alunos do IFRO, o professor possui demasiada importância diante das atividades de empreendedorismo.

Para melhor avaliar a percepção dos discentes, foi-lhes indagado sobre a contribuição das práticas empreendedoras para o crescimento profissional e pessoal. Para isso, foi lhes demonstrada uma lista com algumas características e eles deveriam demarcá-las conforme cinco opções: concordo totalmente (1), concordo em parte (2), indeciso (3), discordo em parte (4) e discordo totalmente (5), e não responderam (N.R). A Tabela 3 apresenta os resultados.

Tabela 3: Contribuições da disciplina de empreendedorismo.

	JOSINO BRITO						IFRO				
	1	2	3	4	5	N.R	1	2	3	4.	5
Realização pessoal.	53%	31%	10%	3%	1%	1%	50%	36%	14%	-	-
Competência empreendedora.	53%	25%	17%	3%	-	3%	54%	39%	7%	-	-
Ingresso no Mercado de trabalho.	48%	31%	13%	5%	-	3%	43%	54%	4%	-	-
Criar meu próprio negócio.	36%	34%	25%	3%	-	3%	50%	36%	14%	-	-
Fazer curso universitário.	43%	30%	18%	5%	-	4%	32%	36%	29%	-	4%
Preparar para minha independência financeira.	60%	22%	13%	4%	-	1%	68%	18%	14%	-	-
Capacidade de inovar	52%	30%	12%	4%	-	3%	68%	18%	14%	-	-
Capacidade para lidar com o risco	44%	38%	14%	1%	1%	1%	71%	14%	7%	-	-
Maturidade profissional.	58%	23%	14%	1%	1%	1%	75%	21%	4%	-	-
Melhoria da autoestima.	48%	32%	9%	6%	1%	3%	25%	68%	4%	4%	-
Conscientização da importância da cidadania.	53%	36%	8%	-	-	3%	25%	50%	14%	11%	-
Capacidade de tolerar incertezas e insegurança..	48%	36%	12%	1%	-	3%	50%	36%	14%	-	-
Visão empreendedora.	57%	27%	9%	4%	-	3%	79%	11%	11%	-	-
Desenvolvimento da autonomia e responsabilidade.	61%	32%	3%	-	1%	3%	75%	21%	4%	-	-
Participação e envolvimento nas atividades da escola.	58%	30%	3%	5%	1%	3%	50%	39%	4%	7%	-

Fonte: o Autor (2015).

Evidencia-se que os alunos consideram que o ensino de empreendedorismo contribui para: a realização pessoal, a competência empreendedora, o ingresso ao mercado de trabalho, criar o próprio negócio, fazer curso universitário, preparar para a independência financeira, a capacidade de inovar bem como a de lidar com o risco, maturidade profissional, a melhoria da autoestima, a conscientização sobre a importância da cidadania, tolerar incertezas e insegurança, a visão empreendedora, o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade e, por fim, para participar das atividades escolares. Com essas contribuições assinaladas pelos estudantes, isso corrobora ao que Dolabela (2008) afirma, pois, para ele, a educação empreendedora deve se focar ao que se chama “espírito empreendedor”, bem como Dolabela (1999) explica que o ambiente acadêmico do aluno-empresendedor é aquele que forças produtivas, econômicas, sociais e políticas se encontram e se articulam.

Para finalizar o aspecto das percepções dos alunos diante das atividades voltadas ao empreendedorismo na escola, a Tabela 4 apresenta os comportamentos perceptíveis que eles observam em si a fim de haver o melhor entendimento sobre os objetivos da pesquisa.

Tabela 4: Comportamento empreendedor dos alunos.

	JOSINO BRITO						IFRO				
	1	2	3	4	5	N.R	1	2	3	4	5
Necessidade de realização pessoal.	47%	35%	6%	9%	-	1%	50%	43%	-	-	7%
Comprometimento e persistência.	55%	32%	8%	3%	1%	-	61%	32%	4%	4%	-
Persistência em resolver problemas.	62%	23%	9%	3%	-	1%	50%	39%	-	11%	-
Autoconfiança.	65%	23%	3%	4%	4%	-	54%	29%	18%	-	-
Autonomia e responsabilidade.	60%	29%	5%	3%	1%	1%	68%	29%	4%	-	-
Capacidade de liderar.	43%	36%	9%	6%	1%	3%	61%	29%	7%	4%	-
Flexível - capacidade de aceitar outras ideias.	65%	22%	6%	1%	3%	1%	43%	43%	7%	7%	-
Competitivo.	40%	31%	10%	10%	5%	1%	57%	32%	4%	4%	4%
Capacidade de lidar com o risco.	58%	23%	9%	3%	3%	3%	50%	39%	7%	4%	-
Criatividade.	65%	23%	6%	3%	-	1%	50%	39%	7%	4%	-
Disposição e iniciativa	65%	25%	8%	1%	-	-	46%	36%	11%	7%	-
Disciplina e dedicação.	66%	22%	9%	1%	-	-	54%	36%	4%	7%	-
Disposição ao sacrifício para atingir metas.	65%	26%	5%	1%	1%	-	57%	36%	4%	4%	-
Proatividade na tomada de decisão.	45%	38%	12%	4%	-	-	54%	36%	11%	-	-
Imersão total nas atividades que desenvolve.	48%	36%	10%	4%	-	-	46%	36%	14%	-	4%
Transmite integridade e confiabilidade.	63%	26%	5%	1%	-	3%	64%	36%	-	-	-
Gosta de trabalhar em equipe.	70%	18%	9%	1%	-	-	32%	36%	21%	-	11%
Planeja atividades antes de iniciá-las.	74%	14%	8%	1%	1%	-	50%	39%	7%	-	4%
Dedicação em tudo que faz (qualidade).	79%	16%	3%	1%	-	-	54%	32%	11%	4%	-

Fonte: o Autor (2015)

É possível verificar, conforme a Tabela 4, que os alunos do Josino Brito e do IFRO demonstram de forma clara que obtêm várias características empreendedoras, as quais são abordadas por Zuin e Queiroz *et al.* (2006): necessidade de poder realizar, possuir compromisso e persistência, não se abater com derrotas consecutivas, ter autoconfiança de que tudo dará certo, visualizar suas limitações e habilidades, demonstrar habilidade criativa para solucionar problemas, ter disposição para trabalhar por várias horas, buscar satisfazer à clientela; modificar seu estilo de vida caso necessário, tomar decisões em situações estressantes, trabalhar constantemente em um ambiente com risco calculado, enxergar o dinheiro como um meio de alcance de seus objetivos.

3.3 PERCEPÇÃO QUANTO A METODOLOGIA DO ENSINO DO EMPREENDEDORISMO UTILIZADA PELAS ESCOLAS

Para a pesquisa, é de suma importância avaliar conforme as percepções dos alunos quanto à forma de metodologia utilizada pelas escolas pesquisadas para lecionar a disciplina de empreendedorismo, bem como para as práticas empreendedoras. Com esse enfoque, os alunos responderam ao formulário e demonstraram a partir de uma lista as principais atividades usadas na disciplina de empreendedorismo, conforme a Tabela 5.

Tabela 5: Principais atividades da disciplina de empreendedorismo.

	JOSINO BRITO	IFRO
Realiza visitas técnicas a empresas.	1%	46%
Existe uma disciplina específica para estudar o empreendedorismo.	1%	93%
Uma disciplina trabalhada por vários professores.	38%	-
Realiza entrevistas com empreendedores da cidade e/ou região	1%	71%
Oferece cursos e palestras sobre o tema	6%	32%
Desenvolvemos um projeto empreendedor (negócio)	75%	82%

Fonte: o Autor (2015).

A Tabela 5 busca ostentar que para 93% dos alunos do IFRO, há uma disciplina específica para estudar o empreendedorismo, bem como, para 71%, a escola realiza entrevistas com empreendedores da cidade ou região, para 32%, o instituto oferece cursos e palestras sobre o tema, 82% abordaram sobre um projeto empreendedor que é desenvolvido pela escola e, para 46% dos alunos, a escola realiza visitas técnicas a empresas.

Na escola Josino Brito, os alunos abordaram que, para 75% dos pesquisados, há a criação de um projeto empreendedor que trata sobre a comercialização de produtos ou

serviços, 38% explicitaram que não há uma disciplina própria; porém é trabalhada por vários professores, 6% falaram sobre cursos e palestras, 1% abordou que há uma disciplina específica de empreendedorismo, e 1% que há entrevistas com empreendedores e outro 1% que a escola realiza visitas técnicas a empresas.

Ainda para identificar a percepção dos discentes a respeito da metodologia que as escolas aplicam a fim de conceber conhecimento empreendedor para os alunos de nível médio, avaliou-se que os alunos são levados a montarem um negócio próprio nas atividades de empreendedorismo. No entanto as respostas foram discrepantes conforme a tabela 6.

Tabela 6: Metodologia de ensino.

	JOSINO BRITO	IFRO
Sim, em todas as aulas que trabalham as atividades de empreendedorismo.	17%	82%
Sim, em algumas aulas.	65%	18%
Não.	9%	-
Não tenho conhecimento.	8%	-
Não responderam.	1%	-

Fonte: o Autor (2015).

Conforme a visualização é indiscutível que há uma divergência em termos de metodologia de ensino em relação às escolas, porque, para 65% dos alunos do Josino Brito, a disciplina busca estimular os alunos apenas em algumas aulas, no entanto, para 82% dos alunos do IFRO, a metodologia de ensino busca levá-los a montar um negócio próprio em todas as aulas de empreendedorismo. É visível que a metodologia usada pelo IFRO corrobora ao que Martens e Freitas (2008) abordam, já que, para eles, o ensino ao empreendedorismo deve estar direcionado à inovação, criação e no desenvolvimento de empresas, e não na clássica educação em negócios para gerenciar empresas.

Diante dos projetos pedagógicos que as escolas fazem para que os alunos possam comercializar bens ou serviços, os alunos responderam quais as maiores dificuldades encontradas para pôr em prática o negócio nas feiras de empreendedorismo. Para eles, quer sejam alunos do IFRO quer sejam do Josino Brito, a resposta unânime foi o “incentivo financeiro”, pois, para 47% dos 77 pesquisados este é a maior dificuldade bem como para 39% dos 28 alunos do IFRO, conforme ostentado na tabela 7.

Tabela 7: Dificuldades para implantar o projeto empreendedor.

	JOSINO BRITO	IFRO
Incentivo financeiro.	47%	39%
Colaboração entre os sócios.	32%	29%
Alocação da matéria-prima.	4%	29%
A compreensão do tema escolhido.	10%	-
O valor final do produto.	19%	21%
Pouco incentivo do professor.	3%	-
Produto escolhido	1%	-
Não respondeu	1%	-
Outros	-	7%

Fonte: o Autor (2015).

Após avaliar as dificuldades dos alunos perante a aplicação do projeto pedagógico, foi-lhes indagado sobre as dificuldades que eles percebem que a escola possui para aplicar o ensino de empreendedorismo. Dentre as respostas, os alunos abordaram em relação à falta de professores preparados, falta de material didático, falta de colaboração dos professores, falta de incentivo dos coordenadores e diretores da escola, falta de recursos financeiros e a não-observância de nenhuma dificuldade para o ensino. As respostas foram demarcadas conforme a Tabela 8.

Tabela 8: Dificuldades observadas pelos alunos para a aplicação das práticas empreendedoras pelas escolas.

	JOSINO BRITO	IFRO
Não observo nenhuma dificuldade para ensino de empreendedorismo.	29%	36%
Falta de recursos financeiros.	43%	50%
Falta de professores preparados.	18%	7%
Falta de material didático.	21%	14%
Falta de colaboração dos professores.	5%	4%
Falta de incentivo dos coordenadores e diretores da escola.	10%	14%
Não respondeu.	1%	-
Outros.	-	4%

Fonte: o Autor (2015).

Observa-se que os alunos do IFRO e do Josino Brito definiram, conforme a opinião de cada um, que a maior dificuldade que as escolas obtêm está na falta de recursos financeiros; entretanto boa parte dos alunos de ambas as escolas não visualizaram quaisquer dificuldades, porque 36% do IFRO e 29% do Josino Brito assinalaram nesse aspecto e isso corrobora com a verbalização dos professores, a qual virá no próximo tópico.

Com as respostas adquiridas no formulário aplicado junto aos alunos da escola Josino Brito, foram conseguidas informações para averiguar a percepção dos discentes

perante as atividades de empreendedorismo de cada escola, bem como pôde compará-las a dos professores, possibilitando, assim, o alcance dos objetivos traçados.

3.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES QUANTO AO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

É primoroso que os professores ostentem à pesquisa as opiniões sobre práticas de empreendedorismo vigentes nas escolas, explicitem os obstáculos encontrados por eles para ministrar as aulas, bem como as principais atividades ou práticas que estão inseridas em projetos ou currículos pedagógicos, e as principais metodologias que eles utilizam para ensinar aos estudantes o empreendedorismo.

Com todos os dados coletados, a pesquisa pôde ser realizada junto aos professores da escola Josino Brito (P1) e do IFRO (P2). Para tanto, o pesquisador iniciou a entrevista, perguntando-lhes questões preliminares, como: sexo, idade, escolaridade, área de formação, quando começaram a lecionar empreendedorismo e o tempo que estão na instituição de ensino. Desse modo, os dois são do sexo masculino, possuem idade acima de trinta anos, têm nível superior, entretanto divergem na área de formação no tempo que estão na instituição, porque o do Josino Brito é formado em História e Direito, e o outro em Administração, bem como o primeiro está há cinco anos na instituição e o outro há quatro.

Ao terminar as questões preliminares, foi lhes perguntado sobre os motivos que os levaram a lecionar empreendedorismo. Para isso, os pesquisados responderam de forma indistinta, pois o professor do Josino disse que o ensino de empreendedorismo está inserido à ementa e que, para ele, há uma necessidade percebida, já que o tema empreendedorismo é importante para os alunos crescerem perante a sociedade que enfrentarão após a fase escolar, bem como o outro professor abordou que a disciplina está inserida à ementa e que, por conta de sua área de formação (Administração), ele pode passar conhecimentos pertinentes sobre o ensino de práticas empreendedoras.

Com as devidas respostas, foi analisado que ambas as partes lecionam empreendedorismo, porque está inserido no plano pedagógico e os profissionais o vêem como fator preponderante para o crescimento dos alunos que devem desenvolver o espírito de empreender. Com isso, Dolabela (2008) explica que a educação empreendedora deve

desenvolver um grande potencial na espécie humana que é o espírito empreendedor.

Ao se desenrolar a entrevista, os professores explicaram sobre a preparação para aplicar a metodologia de empreendedorismo. As respostas foram distintas, pois o do Josino Brito disse que, antes de começar o período letivo, há uma reunião onde participam todos os professores para preparar um projeto verbal que indique como será feita a aplicação das práticas de empreendedorismo e o do IFRO disse que não há uma preparação prévia, porque os professores já possuem uma formação acadêmica em administração e, por conta disso, devem buscar atualizações para o melhor ensino aos alunos.

Ao verificar as afirmações, é evidente que ambas possuem formas de preparação divergentes, já que uma possui reuniões onde se desenrola o plano pedagógico para o ensino e a outra os professores têm formação adequada para empregar as práticas empreendedoras. Com isso, as metodologias são diferentes da pedagogia empreendedora de Dolabela, por exemplo, que, segundo Santos (2012), busca primeiramente capacitar os professores a partir de seminários onde são passados os materiais e a metodologia a ser empregada para lecionar o empreendedorismo.

Com as informações sobre empreendedorismo nas escolas pesquisadas, os professores responderam como o ensino de empreendedorismo é realizado na escola. Ambos explicitaram conforme verbalização “*o ensino é realizado em sala de aula e projetos como o Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI), que oferece palestras, projetos, etc.*” (P1). E, para P2 “*o ensino é realizado através de aulas, visitas técnicas, workshops e projetos.*”

Com isso, por conta das diversas teorias sobre ensino de empreendedorismo nas escolas, Henrique e Cunha (2008) ostentam que as teorias serão divergentes e confluentes ao mesmo tempo, pois vários autores dizem que o ensino deve se focar em conferências, aulas expositivas, discussões de grupo em salas de aula, dinâmicas, etc. Com os aspectos teóricos, é possível identificar que ambas as escolas buscam lecionar empreendedorismo tanto em sala de aula quanto fora dela, porque há visitas técnicas, palestras, etc.

Para aprimorar a questão anterior, os professores disseram que utilizam tanto materiais teóricos quanto práticos, já que a verbalização ostenta estes requisitos. “*Os materiais utilizados são apostilas, slides, vídeos e a feira de empreendedorismo*”, segundo P1

e “os materiais utilizados são vídeos, cartilhas do SEBRAE e software para o plano de negócio do SEBRAE” destacou o P2.

Com a verbalização, foi verificado que há o envolvimento de aspectos formais e informais que, para Hynes (1996), o ensino de empreendedorismo deve haver o envolvimento da teoria e conceitos para dar suporte aos alunos (formal) bem como serem levados a construir habilidades, desenvolver qualidades e mudar comportamentos (informal). Dessa forma, é evidente que há a propagação de ensino teórico e prático, porque há o enfoque em apostilas, slides, vídeos, feira de empreendedorismo, cartilhas, e *software* para desenvolver o plano de negócio com os alunos.

Para aplicar a disciplina de empreendedorismo, os professores abordaram que as escolas os apóiam, visto que a verbalização denota que há a incidência de eventos internos e externos fornecidos pela escola e também o de recursos para que aulas sejam lecionadas, bem como há reuniões entre as partes para solucionar problemas em relação às práticas. O entrevistado P1 destaca que “a direção e a coordenação buscam fornecer recursos e há reuniões com o intuito de solucionar problemas que ocorram” e para o P2 “a direção e a coordenação apóiam com recursos, eventos internos e externos.”

É importante averiguar que todas as escolas têm um forte envolvimento com a direção e a coordenação para fornecer aos alunos o ensino de empreendedorismo. Com essa análise, Dolabela (2008) explica que o empreendedor é um ser social, produto do meio vivido por ele, porque, caso uma pessoa viva num ambiente onde ser empreendedor é visto como algo positivo terá motivação para criar seu próprio negócio. Com o envolvimento de todos, os alunos podem enxergar o empreendedorismo como um fator importante para o desenvolvimento deles.

Ainda em relação a essa importância dada pelos docentes, foi-lhes questionado sobre a relevância de ensinar empreendedorismo às escolas de ensino médio. E segundo a percepção do P1 “o ensino de empreendedorismo é importante, porque desenvolve as habilidades de empreender e ter um negócio próprio” e o P2 destaca que “é importante para que o aluno já tenha noção sobre o tema e isso facilite quando o aluno venha a graduar, bem como melhora o contato com os pais.”

Os professores puderam ostentar que ambos percebem o ensino de empreendedorismo primordial para os alunos, uma vez que desenvolve habilidades empreendedoras, a busca por um negócio próprio, maior facilidade para a graduação e melhora o contato com os pais. É importante que isso ocorra, pois Almeida *et. al.* (2008) explicam que o empreendedorismo é o solucionador dos problemas econômicos da sociedade, sendo que exerce a função de criador de grandes empresas que fornecerão empregos à população, é um protagonista das transações econômicas e feitor da competitividade de uma nação; portanto, ao explanarem que consideram importante o ensino de empreendedorismo, estão o estimulando aos alunos.

Ao analisar a importância do empreendedorismo, foi importante que os professores exprimissem se consideram que ele possa ser realmente ensinado ou não. Para ambos, pode ser ensinado, já que há razões para isso, conforme evidenciado no extrato de verbalização: *“acredito que possa ser ensinado, porque os alunos desenvolvem habilidades com a disciplina e isso contribui para o aprendizado”* (P1) e *“pode ser ensinado, porque existem técnicas para o desenvolvimento da aprendizagem”* (P2).

As respostas, conforme as verbalizações de cada entrevistado contribuíram para que o pesquisador conseguisse avaliar que ambos os pesquisados consideram que existem maneiras de ensinar empreendedorismo. Com isso, as falas se adéquam ao que Dornelas (2005) explica, pois, para ele, antigamente, o empreendedor era visto como uma característica onde a pessoa deveria nascer com ela; mas, nos tempos atuais, ele explana que o processo empreendedor pode ser aprendido e ensinado, porque há vários fatores internos e externos a um negócio que contribuem para isso.

Com o desenvolvimento das práticas empreendedoras, os pesquisados disseram que os alunos, ao finalizarem a disciplina empreendedora, conseguem adquirir concepções voltadas a negócio, trabalho em equipe, conseguem planejar, obtêm raciocínio lógico e coerência. O pesquisado (P1) abordou que as habilidades e competências adquiridas são o raciocínio lógico, porque os alunos tendem a pensar de forma rápida e matemática para desenvolver um negócio, adquirem a coerência já que tenderão a pensar em algo factível, bem como conseguem trabalhar em equipe, pois os trabalhos são feitos em grupos e conseguem adquirir a concepção de planejamento para abrir um negócio próprio. P2 disse que, após a aplicação de práticas empreendedoras, os alunos adquirem uma visão de negócio.

Souza *et al.* (2005) concordam de maneira ampla que as habilidades e competências devem ser desenvolvidas, visto que explicam que o ensino do empreendedorismo deve levar o aluno a aprender a entender o mundo, ter colaboração em contexto competitivo, o aluno deve também encarar a vida obtendo raciocínio criativo e resolver problemas da vida numa perspectiva criativa, domínio pessoal, deve desenvolver o autoconhecimento e o autodesenvolvimento, deve possibilitar um pensamento sistêmico, possibilitar o conhecimento do todo e das relações entre as partes.

Para analisar a percepção dos professores sobre as práticas empreendedoras, foi preciso lhes indagar se consideram que o ensino de empreendedorismo deveria ser aplicado e difundido em outras escolas. Para tanto, as respostas foram unânimes, pois ambos responderam que o empreendedorismo deveria ser propagado e aplicado a outras escolas. P1 explicou que o ensino de empreendedorismo possui importância dentro do contexto social, enquanto P2 disse que o empreendedorismo pode despertar nos alunos uma série de possibilidades.

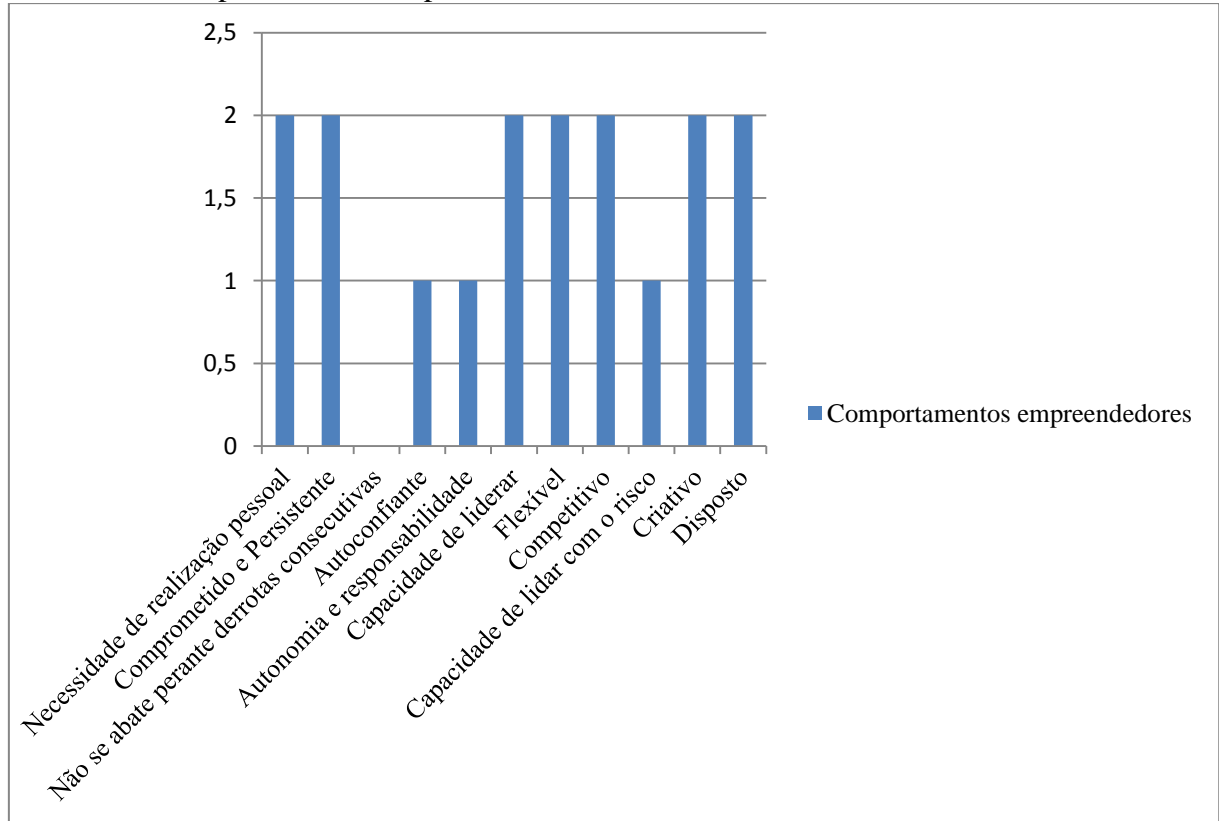
Foi importante averiguar quais habilidades e competências os pesquisados consideram importantes para que os professores possam ensinar empreendedorismo. P1 explanou que os professores devem ter experiência pessoal sobre o tema e P2 disse que os docentes devem buscar informações em artigos, livros, feiras e congressos, para que consigam lecionar de forma adequada a disciplina de empreendedorismo.

Para analisar a importância da aplicação do ensino empreendedor em outras escolas e as habilidades e competências que os pesquisados abordaram que são importantes para lecionar empreendedorismo, a pesquisa GEM (2008) mostrou que os professores não estão capacitados suficientemente para lecionar empreendedorismo, porque aprenderam a reproduzir conhecimento num ambiente educacional tradicional, o que os obriga a não inovar. Nesse contexto, ficou evidente que os professores buscam adquirir conhecimentos para aplicar de forma adequada o ensino de empreendedorismo, já que eles buscam adquirir experiência através de artigos, livros, feiras, congressos, etc.

Para melhor conceber as percepções dos docentes sobre o tema avaliado, foi lhes indagado se percebem comportamentos empreendedores nos discentes. Dentre as respostas adquiridas, ambos responderam que “SIM”, já que, para P2 e P1, os alunos possuem diversas

características empreendedoras entre as quais o pesquisador buscou identificar conforme ostentado no Gráfico 3:

Gráfico 3: Comportamentos empreendedores dos alunos.



Fonte: Autor (2015).

Os entrevistados conseguem perceber comportamentos semelhantes entre si nos alunos, mas divergem em algumas, porque, para P1, os alunos não possuem características de “autonomia e responsabilidade”, enquanto que P2 identificou que os alunos são “autônomos e responsáveis”, e a “autoconfiança” e “a capacidade de lidar com o risco” foi identificada apenas por P2. Dentre as características avaliadas, a única que não foi encontrada é o “não abatimento perante derrotas consecutivas”, pois, para ambos, os discentes se abatem, porque P2 explicou que é papel do professor, ao acontecer derrotas mostrar que esses acontecimentos ocorrem, pois fazem parte da vida do empreendedor.

Como há vários comportamentos empreendedores entre os autores, foram identificados na entrevista alguns abordados por Zuin e Queiroz *et. al.* (2006) que explanaram que o empreendedor possui necessidade de se realizar, compromisso e persistência, autoconfiança, habilidade criativa para solucionar problemas, disposição para trabalhar por várias horas, não se abate perante derrotas consecutivas, trabalha em ambiente com risco

calculado. Com isso, foi possível identificar diversos comportamentos nos alunos através da entrevista, mas a característica de “não se abater perante derrotas” não foi encontrada pelos professores, visto que responderam que o abatimento ocorre e o professor deve os auxiliar.

Com o desenvolvimento da entrevista, procurou-se identificar se os professores enxergam diferenças entre a metodologia tradicional e o ensino de empreendedorismo, porque, segundo a pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2008), os professores não foram treinados para aplicar práticas empreendedoras, já que aprenderam a reproduzir conhecimento num sistema educacional tradicional que os obriga a não inovar no ensino para oferecer aos alunos trabalhos com pesquisa, projetos, práticas na relação professor-aluno e vivência profissional-prática.

Para tanto, os docentes disseram que não sabem, conforme verbalização: “*não consigo responder esta pergunta, porque, no ensino tradicional, já havia mudanças em termos de ensino, pois muitos professores buscavam inovar no ensino*” (P1) e “*quando fiz empreendedorismo, eu não saia da sala de aula, mas, hoje, a gente pode sair da sala, mas não posso dizer se era tradicional ou não*” (P2).

Ambas as respostas foram antagônicas, no entanto P2 abordou que, quando fez empreendedorismo, os alunos não saiam da sala de aula e, com o ensino fornecido por ele, essa possibilidade já é viável. Entretanto P1 buscou analisar em outro contexto, pois, para ele, no ensino tradicional, havia professores inovadores, que buscavam inovar no ensino. Com as diferentes visões, mesmo que as respostas tenham sido antagônicas e nulas, o pesquisador identificou por parte de P2 a diferença de que, no ensino tradicional, os alunos ficavam em sala de aula, mas, atualmente, há outras possibilidades que outrora não eram possíveis.

Para buscar informações ainda em termos de metodologia, os docentes explanaram sobre as dificuldades que encontram para lecionar empreendedorismo na escola em que trabalham. Todos disseram que não há obstáculos, conforme extrato de verbalização “*não há obstáculos por parte da escola, mas, para mim, há falta de tempo para adquirir conhecimentos mais propícios para as aulas de empreendedorismo*” (P1) e “*eu não vejo que há obstáculos, porque, desde que o professor seja criativo, não há obstáculos*” (P2)

Com as informações é possível identificar que ambos não encontram obstáculos para

lecionar a matéria de empreendedorismo. No entanto P1 abordou sobre a falta de tempo para adquirir conhecimentos mais pertinentes sobre o tema e isso pode contribuir para o que fora dito anteriormente pelo GEM (2008) que há falta de capacitação profissional pelos professores para aplicar práticas empreendedoras.

Identificou-se também que os alunos possuem afinidade pelas atividades de empreendedorismo, pois P1 explicou que eles adoram por que há possibilidade de lucro e isso os instiga e P2 também relatou que, por eles investirem dinheiro, possuem a esperança de adquirirem lucro, bem como os deixa entusiasmados com a matéria. Ambos foram unânimes nas respostas e indicaram que os alunos adoram a disciplina, visto que existe um investimento por parte dos alunos, o que contribui para a esperança de que haverá lucratividade.

Os docentes também explicaram que as aulas são expositivas e que ambos buscam aplicá-las para envolver tanto aspectos teóricos quanto práticos.

As aulas são mistas, ora são expositivas ora são teóricas (P1).

As aulas são expositivas, porque há apresentação de *slides*, e são práticas e teóricas, porque os alunos possuem a feira de empreendedorismo onde devem desenvolver um negócio e buscar lucratividade e nós temos apostilas para a aprendizagem (P2).

Entre eles, é notável que buscam oferecer aulas expositivas e teóricas e isso contribui de forma negativa pelo que fora dito pelo GEM (2008) que os professores aprenderam a reproduzir o conhecimento num sistema educacional tradicional onde eles são obrigados a não inovarem com trabalhos com pesquisa, projetos, práticas na relação professor-aluno, e vivência profissional-prática. Com isso, a forma de ensino dos professores se enquadra ao que foi expresso anteriormente por Hynes (1996).

Os docentes explicaram que os alunos aprendem melhor com novas formas de ensino. Com isso, os autores Martens e Freitas (2008); Almeida *et al.*, (2008); Souza *et al.*, (2005) abordam que a educação empreendedora deve focar nos alunos aspectos como a inovação, criatividade, levá-los a serem proativos. Portanto, com novas formas de ensino, os alunos podem alcançar tais características citadas pelos autores.

Ainda em relação à educação empreendedora, analisou-se que os professores detinham a preocupação de mostrar aos alunos aspectos do “plano de negócio”. Segundo o que foi apresentado, as informações se adéquam ao que foi abordado por Leite (2012), em seu

programa de formadores em empreendedorismo (Quadro 1), que traz a educação empreendedora de várias formas; porém, entre essas está a abordagem para criar um plano de negócio que enfoca aspectos financeiros, produção, recursos humanos e *marketing*. Ainda para a melhor elucidação dessa educação, o entrevistado P2 explicou que busca apresentar aos alunos a análise de viabilidade que é a Taxa Interna de Retorno (TIR).

Com essa entrevista, mesmo que os professores possuam formas de ensino divergentes, porque, na escola Josino Brito, há a disciplina de empreendedorismo desde o primeiro ao terceiro ano do ensino médio e, no IFRO, o ensino é realizado apenas com os alunos de terceiro ano, é factível que eles buscam passar o conhecimento de maneiras parecidas como aulas expositivas, teoria, prática, aspectos do plano de negócio, percebem comportamentos empreendedores, etc. No entanto, na escola de P1, os professores não possuem formação ou cursos voltados ao empreendedorismo, como é o caso de P2, que possui formação em Administração; mas, mesmo com essas peculiaridades, P1 busca ensinar através de apostilas, há projetos para a criação de um negócio a ser apresentado numa feira de empreendedorismo. Portanto, nas duas instituições, o ensino de empreendedorismo se adéqua ao que os autores do presente referencial teórico abordam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da preocupação sobre a inserção de práticas empreendedoras nas escolas, é importante que os alunos adquiram conhecimentos sobre empreendedorismo, de modo a atenuar o falecimento de muitas empresas que, segundo algumas pesquisas, estão chegando a esse ponto, porque muitos proprietários e empresários não possuem conhecimentos voltados a aferir e analisar dados e há a ausência de planejamento prévio, a qual contribui para que os empreendedores não tenham êxito na vida profissional. Devido a isso, vários estudiosos buscam incentivar maneiras de ensinar empreendedorismo, empregando-o de forma a levar os estudantes a terem aulas teóricas, a montarem um negócio próprio, a sonharem, a conviver em equipes e em situações de risco, tudo com o intuito de transformá-los em grandes empreendedores de sucesso. Diante desse cenário, a pesquisa buscou analisar de que forma as escolas públicas de Cacoal estão incentivando os discentes a desenvolverem as características empreendedoras.

Através da pesquisa, a qual foi realizada com os docentes e discentes das escolas

pesquisadas, foi possível alcançar os objetivos específicos que demandavam a verificação da percepção dos alunos e professores sobre as atividades empreendedoras, bem como as principais dificuldades encontradas para implantar o ensino de empreendedorismo e, para alcançar o objetivo traçado pelo trabalho, foi importante verificar a metodologia utilizada para lecionar a disciplina empreendedora.

Após a aplicação dos formulários e dos roteiros de entrevista para alcançar os objetivos traçados, foi verificado que há vários pontos fortes apresentados pela pesquisa devido ao fato de que ficou explícito que as escolas desenvolvem a disciplina de empreendedorismo, bem como buscam empregá-la em projetos-empreendedores, já que levam os alunos a montarem o próprio negócio nas atividades e se preocupam na conciliação entre o conhecimento teórico e a experiência prática. Foi visto também que, conforme percepção dos discentes, a metodologia, o interesse deles pela disciplina, o empenho e a dedicação, os conceitos apresentados pelas escolas e a importância que cada um atribui ao ensino de empreendedorismo tiveram marcações interessantes entre boa, muito boa e excelente, constatando que o ensino de empreendedorismo tem recebido um grau elevado de importância pelos alunos, bem como demonstraram que o empreendedorismo traz diversas contribuições para o crescimento pessoal e profissional e consideram que possuem diversas características empreendedoras.

Quanto aos pontos fracos, foi verificado insatisfação no quesito da participação de alguns alunos nas atividades de empreendedorismo, já que a maioria dos discentes do Josino Brito demonstrou que participa das atividades empreendedoras devido a nota recebida, bem como verificou-se, entre os alunos das duas escolas, que o incentivo financeiro é o grande empecilho para colocar em prática os projetos-empreendedores e os discentes também abordaram que percebem dificuldade em relação à falta de recursos financeiros para que as escolas consigam aplicar as atividades de empreendedorismo.

Com a verificação dos dados obtidos na pesquisa, sugere-se que as escolas continuem desenvolvendo o ensino voltado ao empreendedorismo, bem como busquem incentivá-lo a outras escolas, para que demonstrem aos alunos tanto aspectos teóricos quanto práticos, de forma que os discentes elaborem um negócio em feiras de empreendedorismo e que busquem aprender sobre finanças, recursos humanos, *marketing*, etc. Tudo para que gostem da matéria e não queiram fazê-la apenas pela nota recebida, bem como levem esse

conhecimento para a fase pós-escolar, de modo a conseguirem administrar um negócio próprio de maneira adequada.

As principais limitações no desenvolvimento da pesquisa estavam atreladas ao aspecto do tempo disponível pelos professores para responderem a entrevista, bem como ao horário disponível dos alunos para responderem aos formulários, já que isso poderia atrapalhá-los no horário de aula, a ausência de algumas respostas por parte dos alunos e a falta de fornecimento de documentos e projetos pedagógicos que identificassem as práticas empreendedoras das escolas.

Dessa forma, após auferir dados com os alunos e professores das escolas pesquisadas, recomenda-se, como trabalhos futuros, uma pesquisa voltada a alunos de instituições de ensino público e privado, de modo a compará-las diante das diferentes visões oferecidas, bem como a realização de estudos de caso com alunos para identificar o nível de conhecimento sobre empreendedorismo de cada um e analisar também a percepção dos acadêmicos do curso de Administração em comparação com os alunos de nível médio sobre práticas de empreendedorismo. Diante disso, a pesquisa contribuiu para verificar como as escolas pesquisadas vêm incentivando a educação empreendedora no nível médio escolar.

REFERÊNCIAS

1 ALMEIDA, Kátia de et al. **Influência do Ensino do Empreendedorismo no Potencial Empreendedor do Aluno**. 2008. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rn/article/view/966>>. Acesso em: 11 de jul. de 2014.

2 BUENO, Ana Maria; LEITE, Magda L.G., PILATTI, Luis Alberto. **Empreendedorismo e comportamento empreendedor: como transformar gestores em profissionais empreendedores**. XXIV Encontro nacional de Engenharia da produção. Florianópolis, SC, 2004. Brasil. Disponível em: <<http://pg.utfpr.edu.br/dirppg/ppgep/ebook/2004/14.pdf>>. Acesso em: 15 de mai de 2014.

3 CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6.ed, São Paulo: Afiliada, 2007.

4 CRUZ JUNIOR, João Benjamin. et al. **Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática**. REVISTA UFSC - Revista de Ciências da Administração, v.8, n.15, 2006. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/fs000349.pdf> Acesso em: 08 de jul de 2014.

5 DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

6 _____. **Oficina do empreendedor**. 6.ed, São Paulo: editora de cultura, 1999.

7 DORNELAS, José Carlos Assis. **Transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005 – 5 reimpressão.

8 FILLION, Louis Jacques. **Empreendedorismo e gerenciamento**: processos distintos, porém complementares. Revista de Administração de Empresas / EAESP/ FGV. São Paulo, 2000. Disponível em:<http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902000000300012.pdf>. Acesso em: 05 de mai de 2014.

9 GIANNASI, Paula. **A tendência empreendedora em jovens universitários**: Um estudo sobre Alunos e ex-alunos do curso de Administração da UNIC – *Campus Primavera do Leste* – MT – Brasil. Projeto de Mestrado em Gestão de Empresas, ISCTE *Business School*, Lisboa: 2010.

10 GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, 1995.

11 GRECO, Simara Maria de Souza Silveira et al. **Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba : IBQP; 2009. Disponível em:<<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM-Brasil-2008.pdf>>. Acesso em: 18 de jul de 2014.

12 HAIR JR., Joseph F. et al. **Fundamentos de pesquisa de marketing**. 3 ed. Porto Alegre: AMGH Ltda, 2014.

13 HENRIQUE, Daniel Christian; CUNHA, Sieglinda. **Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais**. • RAM – REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO MACKENZIE • Volume 9, n. 5, 2008, p. 112-136. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712008000500006&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 de mai de 2014.

14 HISRICH, Robert. D.; PETERS, Michael.P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

15 HYNES, B. **Entrepreneurship education and training – introducing entrepreneurship into non business disciplines**. *Journal of European Industrial Training*, v. 20, n. 8, p. 10-17, 1996.

16 KIRZNER, I.M. **Competition and entrepreneurship**. Chicago: Chicago University Press, (1973).

17 LEITE, Emanuel. **O fenômeno do empreendedorismo**. São Paulo: Saraiva, 2012.

18 LIMA-FILHO, Dário de Oliveira; SPROESSER, Renato Luiz; MARTINS, Eber Luis Capistrano. **Empreendedorismo e Jovens Empreendedores**. Revista de Ciências da Administração • v. 11, n. 24, p. 246-277. 2009. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2009v11n24p246/12623> >. Acesso em: 27 de jun de 2014.

19 MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

20 MARIANO, S., **inovação e empreendedorismo**. Rio de Janeiro: SESI/UFF, 2010. Disponível em: <http://sesi.webensino.com.br/sistema/webensino/aulas/17432_11154/INEMAula8pb.pdf >. Acesso em: 13 de jun de 2014.

21 MARTENS, Cristina DaiPrá; FREITAS, Henrique. **Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes**. Estudo & Debate, Lajeado, v. 15, p. 71-95, 2008. Disponível em:<http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2008/2008_estudoedebate_cdpm_hf_ensino%20empreendedorismo.pdf>. Acesso em: 08 de jul de 2014.

22 MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2.Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

23 MATLAY, H. *Researching entrepreneurship in education: Part 1 – what is Entrepreneurship and does it matter? Education + Training*, v.47, n.8/9, p.665-677, 2005.

24 MCCLELLAND, David. *Managing motivation to expand human freedom*. **American Psychologist**, Washington, v. 33, Mar 1978.

25 OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5.ed, Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

26 PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. **Metodologia Científica**. 2.ed, São Paulo: Cengage Learning, 2011.

27 SANTOS, Maria Cristina dos. **O Ensino do Empreendedorismo nas Escolas**. 39 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em:<http://api.ning.com/files/6dPZQLRo6KZ7QDhy*erZTtnKGzux5svFjcvtuN3A8ZCfabgY-IofJtxXqH3Qkj2QDX1BM41iuEJuW9f*CII*YFvdFbt7mfJP/CT_GPM_2012_85.PDF >. Acesso em: 14 de mai de 2014.

28 SCHUMPETER, J. *The theory of economic development*. Harvard University Press, (1949).

29 SEIFFERT, Peter Quadros. **Empreendedorismo novos negócios em corporações: estratégias, processo e melhores práticas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

30 SELA, Vilma Meurer; SELA, Francisco Ernesto Ramos; FRANZINI, Daniela Quaglia. **Ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento econômico e social sustentável: um estudo sobre a metodologia “pedagogia empreendedora” de Fernando Dolabela**. Encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em Administração. 2006. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-esoc-2556.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

31 SILVA, Adriano Camiloto da; TORRES NETO, Diogo Gonzaga; QUINTINO, Simone Marçal. **Manual do artigo científico do curso de Administração**. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Cacoal: 2010.

32 SILVEIRA, A. *et al.* **Empreendedorismo: a Necessidade de se Aprender a Empreender**. 2007. Disponível em: <http://www.novomilenio.br/foco/2/artigo/artigo_daniele.pdf>. Acesso em: 23 de jun de 2014 às 22 hrs e 04 min.

33 SOUZA, E. C. L. *et al.* **Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino de empreendedorismo em IES brasileiras: Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas, 2005.

34 ZUIN, Luis Fernando Soares; QUEIROZ, Timóteo Ramos *et.al.* **Agronegócio: gestão e inovação**. São Paulo: Saraiva, 2006.

ANEXO

ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa **Ensino de empreendedorismo nas escolas públicas do município de Cacoal/RO**, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

PROGRAMA: Título de Bacharel em Administração – Unir –Fundação Universidade Federal de Rondônia.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Fernando Henrique Geraldino.

ENDEREÇO: R. Rio Branco, Ed. Cathuaí nº 2016, Centro Cacoal/RO

TELEFONE: (69) 3441 – 5004 9987 - 1043

OBJETIVOS:

Identificar a inserção de práticas e/ou atividades voltadas ao empreendedorismo nos currículos e/ou projeto pedagógico das escolas em estudo;

Verificar a percepção dos alunos e professores diante das atividades voltadas à educação empreendedora;

Apontar as principais dificuldades que as escolas públicas enfrentam para implantar as práticas/atividades empreendedoras ou a disciplina de “empreendedorismo”;

Verificar a metodologia utilizada pelas escolas na aplicação das práticas/atividades empreendedoras.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Os dados coletados serão tabulados e analisados para fechamento do Artigo para Graduação no curso de Administração da Universidade Federal de Rondônia.

RISCOS E DESCONFORTOS: a pesquisa não oferece nenhum risco ou prejuízo ao participante.

BENEFÍCIOS: Analisar de que forma as escolas públicas do município de Cacoal/RO buscam incentivar os alunos diante da atividade voltada ao empreendedorismo.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não haverá nenhum gasto ou pagamento com sua participação.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantia de sigilo que assegure a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados e o seu nome não serão divulgados.

Assinatura do Participante: _____

ANEXO B: TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Fernando Henrique Geraldino, DECLARO para todos os fins de direito e que se fizerem necessários que isento completamente a Fundação Universidade Federal de Rondônia – Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal, o orientador e os professores indicados para comporem o ato de defesa presencial, de toda e qualquer responsabilidade pelo conteúdo e ideias expressas no presente trabalho de conclusão de curso.

Estou ciente de que poderei responder administrativa, civil e criminalmente em caso de plágio comprovado.

Cacoal / RO, ____ de _____ de 20__

Fernando Henrique Geraldino

APÊNDICE

APÊNDICE A: Formulário de pesquisa juntamente aos alunos.

Formulário que será realizado com os alunos de ensino médio, os quais serão codificados em P-1 a P-186 conforme amostra. O formulário foi adaptado segundo a tese de mestrado de GIANNASI, Paula. **A tendência empreendedora em jovens universitários:** Um estudo sobre Alunos e ex-alunos do curso de Administração da UNIC – *Campus Primavera do Leste* – MT – Brasil. Projeto de Mestrado em Gestão de Empresas, ISCTE *Business School*, Lisboa: 2010. O formulário será utilizado com intuito de verificar a percepção dos discentes, segundo o projeto “O ensino de empreendedorismo nas escolas públicas do município de Cacoal-RO, sobre as atividades empreendedoras vigentes nas escolas que serão pesquisadas.

INSTRUÇÕES

Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Idade: ☐ 15 a 17 anos ☐ 18 a 20 anos ☐ outros.

1- A escola estimula seus alunos a montarem seu próprio negócio durante a disciplina de empreendedorismo?

☐ Sim, em todas as aulas da disciplina de empreendedorismo.

☐ Sim, em algumas aulas.

☐ Não.

☐ Não sabe.

2- Os professores desta instituição são motivados a orientar seus alunos para a prática empreendedora.

☐ Sim, todos são motivados.

☐ Sim, alguns incentivam a prática empreendedora.

☐ Não, apenas o professor de empreendedorismo.

☐ Não, os professores não incentivam.

☐ Não sabe.

3- A escola o ajudou a formar um perfil empreendedor.

☐ Sim. ☐ Não. ☐ Não sabe.

4- O professor possui habilidades para ensinar sobre a prática de empreendedorismo.

☐ Sim. ☐ Não. ☐ Não sabe.

5- A escola costuma organizar visitas técnicas em empresas para ampliar o conhecimento dos alunos.

☐ Sim, em todas as aulas. ☐ Sim, em algumas aulas. ☐ Não.

6- A escola se preocupa em conciliar o conhecimento teórico sobre empreendedorismo com a experiência prática.

☐ Sim, frequentemente.

☐ Sim, em algumas aulas.

☐ Não, há apenas a apresentação de conteúdo teórico.

☐ Não, as aulas são apenas práticas.

☐ Não sabe.

7- Os professores o estimulam a experimentação e risco durante a disciplina de empreendedorismo?

☐ Sim. ☐ Não. ☐ Às vezes. ☐ Não sabe.

8- Você recebe informações importantes sobre o tema empreendedorismo na escola.

() Sim, frequentemente. () Não. () Às vezes. () Não sabe.

9- A escola estimula e recompensa o comportamento empreendedor de seus alunos?

() Sim. () Não.

10- O trabalho em equipe é estimulado pela escola para melhor prática de empreendedorismo?

() Sim. () Não. () Algumas vezes.

11- Você considera sua escola empreendedora?

() Sim. () Não. () Pouco.

12- Como aluno, você considera importante que sua escola lhe ensine empreendedorismo para se tornar um empreendedor de sucesso.

(1) Concordo totalmente

(2) Concordo em parte

(3) Indeciso

(4) Discordo em parte

(5) Discordo totalmente

13- Ao participar das disciplinas de empreendedorismo, fez com que notasse um comportamento empreendedor em você antes não percebido.

(1) Concordo totalmente

(2) Concordo em parte

(3) Indeciso

(4) Discordo em parte

(5) Discordo totalmente

14 A metodologia, o conteúdo e as aulas de empreendedorismo lhe interessam e são importantes para o desenvolvimento do aluno de ensino médio.

(1) Concordo totalmente

(2) Concordo em parte

(3) Indeciso

(4) Discordo em parte

(5) Discordo totalmente

15 Prezado aluno, para você, qual o grau de importância de uma educação voltada ao empreendedorismo?

16 A escola incentiva seus alunos à criatividade e inovação?

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista com os professores.

Roteiro de entrevista, que foi adaptado conforme monografia de SANTOS, Maria Cristina dos. **O ensino do empreendedorismo nas escolas**. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal). Universidade Tecnológica do Paraná: Curitiba, 2012, e será feito com os professores da disciplina de empreendedorismo das escolas de ensino médio sediadas no município de Cacoal, com o intuito de identificar a percepção deles sobre as atividades empreendedoras vigentes nas escolas conforme o projeto “O ensino de empreendedorismo nas escolas públicas do município de Cacoal/RO.”

1 Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

2 Idade _____

3 Escolaridade: _____ Área de Formação: _____

4 Há quanto tempo leciona a disciplina de empreendedorismo? _____

5 Há quanto tempo está nesta escola? _____

6 Quais motivos o levaram a lecionar a disciplina de empreendedorismo?

☐ motivação ☐ sempre gostou do tema ☐ Outros: _____

7 A disciplina de empreendedorismo tem importância para as escolas?

☐ Sim ☐ Não

Por que? _____

8 Quais as habilidades e competências que você desenvolve com os seus alunos? Essas habilidades são relevantes para a disciplina de empreendedorismo?

☐ Sim. ☐ Não.

9 Professor, o empreendedorismo é uma metodologia importante para ser aplicada e difundida em outras escolas?

☐ Sim ☐ Não

Por que? _____

10 Como é sua atuação profissional no entendimento das práticas empreendedoras?

☐ Eficiente ☐ Eficaz ☐ Ineficiente ☐ Boa. ☐ Ruim.

☐ Outros _____

Comente: _____

11 Você percebe se seus alunos possuem atitudes empreendedoras?

☐ Sim ☐ Não ☐ Alguns ☐ Não sabe

Comente: _____

12 Você percebe diferença entre a metodologia tradicional e o ensino do empreendedorismo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Ambas são iguais

Comente: _____

13 Você encontrou obstáculos para ministrar o conteúdo de empreendedorismo?

☐ Sim ☐ Não

Comente: _____

14 Você percebe se os alunos gostam da matéria de empreendedorismo?

☐ Sim ☐ Não ☐ Poucos

Comente _____

15 As aulas são expositivas?

☐ Sim ☐ Não ☐ atividades pouco expositivas. 49

16 Para você, os alunos aprendem melhor com novas formas de ensino?

☐ Sim ☐ Não ☐ As velhas formas são melhores ☐ Não sabe

17 Como você aborda o tema em sala de aula? Qual a maneira (técnicas, métodos, recursos didáticos)?

18 Qual(s) a(s) diferença(s) existente(s) de métodos, técnicas ou recursos didáticos que você utiliza na disciplina de empreendedorismo para as outras disciplinas ministradas por você?

19 Para você, é possível ensinar alguém a se tornar empreendedor?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não há maneira alguma.

Comente: _____
